

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

ANA JÚLIA AMORIM OLIVEIRA

**Homofobia e Futebol: a construção de sentidos em redes digitais sobre a
saída do armário do árbitro Igor Junio Benevenuto**

Monografia

Mariana
2023

Homofobia e Futebol: a construção de sentidos em redes digitais sobre a saída do armário do árbitro Igor Junio Benevenuto

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski
Machado Mendonça

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48h Oliveira, Ana Júlia Amorim.
Homofobia e futebol [manuscrito]: a construção de sentidos em redes digitais sobre a saída do armário do árbitro Igor Junio Benevenuto. / Ana Júlia Amorim Oliveira. - 2023.
65 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Futebol. 2. Homofobia. 3. Instagram (Rede social on-line). 4. Sentidos e sensações. I. Mendonça, Felipe Viero Kolinski Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.647.82-055.34

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Júlia Amorim Oliveira

Homofobia e Futebol

A construção de sentidos em redes digitais sobre a saída do armário do árbitro Igor Junio Benevenuto

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo

Aprovada em 23 de agosto de 2023

Membros da banca

Doutor - Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora - Maria Gislene Carvalho Fonseca - Universidade Federal do Maranhão
Doutor - Frederico Salomé - Universidade Federal de Ouro Preto

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 27/09/2023, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0596007** e o código CRC **FB2D1DEE**.

RESUMO

Este trabalho discute as questões sociais, históricas e culturais entre a homofobia e o futebol brasileiro contemporâneo. As principais discussões são abordadas na pesquisa de modo a entender como a formação da identidade e do caráter contribuem para a construção das lógicas da heteronormatividade, da heterossexualidade compulsória e da masculinidade hegemônica, fenômenos observados no meio futebolístico, co responsáveis por instalar determinados padrões de comportamento entre o público e os profissionais da área. O estudo das narrativas homofóbicas implementadas pelos consumidores de esportes nas redes sociais se mobiliza a partir da entrevista com o árbitro de futebol Igor Junio Benevenuto, realizada no podcast “Nos armários dos vestiários” do jornal Globo Esporte, no dia 8 de julho de 2022. Neste pronunciamento, o árbitro se assumiu gay e revelou as violências sofridas no âmbito futebolístico devido a sua orientação sexual. A reflexão, entretanto, se concentra na análise dos comentários presentes na publicação do GE no Instagram, com o intuito de entender qual o sentido produzido por eles. A perspectiva metodológica adotada é a da análise de construção de sentidos em redes digitais. As principais conclusões do trabalho indicam que *Futebol não é lugar de bicha*, *Preconceito duplo* e *Representatividade importa* são categorias de comentários marcadas pela disputa de sentido em torno das masculinidades possíveis. As duas primeiras constelações de sentido dizem sobre a homofobia e o machismo perpetuados no futebol, já a terceira constelação de sentido trata de um movimento contrário, mobilizador do respeito e da inclusão de homossexuais neste esporte.

Palavras-chave: Futebol; Homofobia; Igor Junio Benevenuto; Análise de construção de sentidos em redes digitais; Instagram.

ABSTRACT

This work discusses the social, historical and cultural problems between homophobia and contemporary Brazilian soccer. The main discussions are addressed in the scientific study in order to understand how the formation of identity and character contribute to the construction about the logic of concepts like heteronormativity, compulsory heterosexuality and hegemonic masculinity, phenomena observed inside soccer environment, co-responsible for installing certain patterns of behavior between the public and professionals in the soccer area. The study of homophobic narratives implemented by sports consumers on social networks is mobilized from the interview with the soccer referee Igor Junio Benevenuto, carried out in the podcast “In locker rooms” made by a Brazilian journal called *Globo Esporte*, on July 8, 2022. In this statement, the referee came out as gay and revealed the violence suffered in soccer due to his sexual orientation. The reflection, however, is focused on the analysis of the comments present in a *Globo Esporte* publication on Instagram about the case, in order to understand the meaning produced by them. The methodological perspective adopted is the analysis of the construction of meanings in digital networks. The main conclusions of the work indicate that “Soccer is not a place for gays”, “Double prejudice” and “Representativeness matter” are categories of comments marked by the dispute over meaning around possible masculinities. The first two constellations of meaning are about homophobia and sexism perpetuated in soccer, while the third constellation of meaning deals with a contrary movement, mobilizing respect and the inclusion of homosexuals in this sport.

Keywords: Soccer; Homophobia; Igor Junio Benevenuto; Analysis of the construction of meanings in digital networks; Instagram.

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria e realização que encerro a etapa mais desafiadora da minha vida até aqui. As experiências do passado, somadas aos atravessamentos do presente, me levam a crer que a felicidade e o sucesso somente são reais quando compartilhados com pessoas que os tornaram possíveis. Em especial, agradeço aos meus pais, Alessandra D'angelis e Renilson Oliveira, pela oportunidade de me dedicar integralmente aos estudos. Se hoje gozo dos benefícios do conhecimento é porque, de vocês, recebi amor e apoio incondicionais para alcançar meus objetivos. Com enorme carinho e gratidão, às minhas irmãs Jade, Jasminie, Juliana, Grazielly e Raianny, por serem fontes de inspiração para o meu crescimento individual. Vislumbrar o lugar que ocupo neste mundo se tornou possível quando vocês, a princípio, me aceitaram do jeito que sou. Agradeço à minha avó, Elisabet D'angelis, por ser meu maior exemplo de bondade e perseverança e por me ensinar a enxergar os detalhes quando a vida parecia uma completa anedonia. Com muita felicidade, agradeço aos meus fiéis amigos e companheiros de graduação, Tatiane Análio e Phablo Vieira, por dividirem comigo os beijos, abraços e lembranças mais importantes desses quatro anos. Por várias vezes, durante momentos bons e ruins, vocês foram a minha família em Mariana. Às minhas amigas e colegas de casa, Ana Júlia Almeida, Cintia Oliveira, Clarisse Mendes e Sophia Helena, por me proporcionarem um lar cercado de afeto, cuidado e distrações. A Edson Silva e Brendson Souza, meus protetores e confidentes, por todos os conselhos, risadas e parcerias de sempre. À minha madrinha Eldivânia Oliveira, pelo suporte financeiro. Com orgulho e eterna admiração, deixo o meu muito obrigada ao Professor Orientador deste projeto, Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, por todo aprendizado adquirido e por permitir que minha jornada acadêmica fosse finalizada com sucesso. Também à professora Gislene Carvalho e aos professores Frederico Salomé e Cláudio Coração, por completarem minha bagagem universitária com seus ricos ensinamentos. A Universidade Federal de Ouro Preto por me conceber, além das experiências inesquecíveis, um espaço inclusivo e diverso, onde pude me capacitar para o meio profissional. As universidades públicas, para mim e tantos outros, foram responsáveis por grandes transformações de vida. Por fim, agradeço a todos os amigos e familiares que, mesmo à distância, me dedicaram algum tempo para amparo e incentivo durante essa longa caminhada.

EPÍGRAFE

"O futebol é uma manifestação da cultura popular e, como tal, reflete os valores e preconceitos da sociedade. Para erradicar a homofobia no esporte, devemos primeiro confrontá-la em nossos corações e mentes, para que possamos, finalmente, celebrar a diversidade em campo, assim como fazemos com a paixão pelo jogo."

(Marta Silva, jogadora de futebol)

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Sexualidade, homofobia e futebol.....	16
2.1 As reflexões sobre gênero e sexualidade.....	16
2.2 O caráter da homofobia	19
2.3 Futebol: fenômeno social e cultural da sociedade brasileira	26
3. As disputas de sentido em redes digitais	32
3.1 Futebol não é lugar de bicha.....	39
3.2 Preconceito duplo	48
3.3 Representatividade importa	51
Considerações finais.....	55
Referências bibliográficas	60
Outras referências.....	63

1. Introdução

A priori, o desejo por realizar esta pesquisa surgiu de incômodos pessoais. Ainda criança, a paixão por esportes, principalmente pelo futebol, criou raízes em mim. Meu pai era atleta do time da cidade, portanto, eu e minhas irmãs sempre tivemos contato com o ambiente futebolístico, mesmo que de forma tímida. Comecei a praticar o futebol na escola e acompanhava o máximo de competições que conseguia pela televisão. No colégio, disputei campeonatos estudantis locais e regionais e, desde então, me divido entre jogar e assistir futebol. Para que chegasse a este presente trabalho, as reflexões se iniciaram durante a adolescência, período em que eu enfrentava muitos preconceitos por praticar um esporte majoritariamente masculino. Foi de grande incômodo escutar que aquele espaço não servia para nós, mulheres, bem como entender a gama de outros “pré-requisitos” necessários para fazer parte desta instituição.

Após finalizar o Ensino Médio, escolho o jornalismo e com ele a vontade em trabalhar no âmbito esportivo. Durante a graduação e seus atravessamentos, senti o desejo e a necessidade por retomar as críticas que anteriormente fazia ao futebol, especialmente. A oportunidade de explanar as minhas ideias e realizar pesquisa nesta área veio, então, com a possibilidade de tratar o assunto do futebol ligado a outra questão pessoal, mas que também é um complicador para inúmeros outros indivíduos - a descoberta, ainda que tardiamente, de novas sexualidades possíveis. Não bastasse saber que sofreria com o machismo e a misoginia na vida e no trabalho por ser uma mulher falando de futebol, tive que me preparar, também, para a inserção em um dos ambientes mais preconceituosos da esfera social. Agora, aos 22 anos, quero unir ambas as questões particulares ao fator acadêmico e profissional, que diz respeito às respostas que darei à sociedade sobre a relação entre o futebol e a homofobia, ao final deste trabalho.

Nos anos de 2020 e 2021, o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQIA +¹ realizou levantamento de dados sobre casos de homofobia nos principais campeonatos nacionais. Em 2020, foram registradas 20 ofensas homofóbicas partindo de torcidas e clubes brasileiros. Até

¹Matéria sobre levantamento do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQIA +, realizado nos anos de 2020 e 2021 e publicada pelo Mídia Ninja no dia 1 de outubro de 2022, disponível em: <https://midianinja.org/news/relatorio-inedito-denuncia-casos-de-lgbtqiafobia-no-futebol-brasileiro/>

julho de 2021, o número havia mais que dobrado, chegando a 42 casos e forçando as instituições futebolísticas responsáveis a tomarem as devidas providências. O primeiro anuário do observatório chamou atenção para diversas ações preconceituosas, que vão desde os cânticos nas arquibancadas até as ofensas diretas nos vestiários e bastidores. A equipe atua denunciando violências e negligência na forma como os clubes e instituições lidam com os casos de homofobia no futebol, numa espécie de vigilância do comportamento de torcidas e representantes. O documento divulgado com os dados também pede à direção dos clubes brasileiros que participem das campanhas e projetos contra a homofobia no futebol, com o intuito de promover um ambiente esportivo mais inclusivo e democrático, que também seja seguro e saudável para atletas e torcedores da comunidade LGBTQIAPN +².

Os dados também convocam a importância de discutir o assunto na internet, uma vez que dos 62 casos registrados no total, 21 vieram das redes sociais. O foco é o futebol masculino porque, segundo os integrantes da pesquisa, é onde se concentra o preconceito. De acordo com o relatório, elaborado em parceria com patrocinadores e veículos de comunicação, apenas dois jogadores de futebol vieram a público expor sua orientação sexual, um reflexo da dificuldade enfrentada pelos gays nesse esporte. Até o ano de 2021, o Globo Esporte³ já havia informado que apenas sete, dos vinte times de futebol da primeira divisão do Brasileirão, previam punições contra atos de homofobia em seus contratos com jogadores e funcionários. Após denúncias e pressão popular e judicial, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a investigar a atuação dos clubes em medidas contra a homofobia.

A homofobia é um problema da sociedade que ganha força quando praticada em espaços majoritariamente masculinos e heterossexuais. Uma pesquisa do Kantar IBOPE Media⁴, divulgada em maio de 2022, revelou que 68% dos brasileiros gostam de futebol e acompanham as diversas modalidades. Os números denotam o domínio desse esporte no cotidiano das pessoas, além de justificar o porquê de tantas pautas polêmicas serem discutidas, também, entre a comunidade futebolística. Afinal, se entendido como um fenômeno social capaz de formar opiniões e construir caráter, o futebol é potencializado, se tornando uma instituição de grande influência para as decisões sociopolíticas do país.

²Última atualização da sigla, publicada em matéria do dia 27 de junho de 2023, disponível em: <https://simpleorganic.com.br/blogs/simple-blog/sigla-lgbtqiapn>

³Estudo do jornal esportivo Globo Esporte, citado pela publicação do jornal alternativo Mídia Ninja no dia 1 de outubro de 2022, disponível em: <https://midianinja.org/news/relatorio-inedito-denuncia-casos-de-lgbtqiafobia-no-futebol-brasileiro/>

⁴Estudo do Kantar IBOPE Media divulgado em 2021 e publicado pelo site UOL Esporte no dia 26 de maio de 2022, disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/05/26/estudo-ibope-publico-internet-futebol.htm>

Apenas as estatísticas não são suficientes para comprovar a influência do futebol na vida da população brasileira, tampouco para entender sua utilização como lugar de exposição das nossas opiniões, por mais controversas que elas possam parecer. Sendo assim, o trabalho busca desmistificar a ideia de que “o futebol não se discute”, trazendo as questões históricas e sociais que envolvem a participação desse esporte como ambiente promissor de diálogo para com a sociedade civil brasileira. Dados os números e o histórico do futebol, faz-se necessária, então, a discussão política que o tema impõe, já que a homofobia é criminalizada perante o Art. 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Brasil, 1989) e prevê punição com base no Art. 140 do Código Penal Brasileiro, mas ainda acontece de forma explícita. Entendo, portanto, a carência de trazer as discussões citadas acima para a comunicação de uma forma geral e para o jornalismo, uma vez que o profissional desta área se compromete não só com a verdade e com o cumprimento da lei, mas, em seu papel emancipador, se preocupa com a manutenção de uma democracia plena que assegure direitos, promova avanços e transformações na sociedade.

Esta monografia também é fundamentada com base em estudos acadêmicos anteriores que discutem as relações de gênero e sexualidade no esporte. O intuito deste movimento é recuperar diálogos já iniciados sobre essas questões e trabalhar a construção teórica conceitual que entrelaça homofobia e futebol no Brasil. Sendo assim, é necessário citar alguns pesquisadores de gênero, sexualidade e cultura e seus conceitos pós-estruturalistas, para enriquecimento e desenvolvimento da discussão acerca da homofobia como um problema estrutural da sociedade, que deve ser solucionado.

Dentre as principais obras utilizadas aqui, trago o texto do pesquisador argentino Daniel Borrillo (2010), “Homofobia: história e crítica de um preconceito”, que discute gênero e sexualidade mas, sobretudo, a homofobia enquanto fenômeno cultural, social, comportamental, político e psicológico; também o trabalho do Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado (2018) em “Homens que se veem”, onde fala sobre os estereótipos da masculinidade moderna, a virilidade e o poder, bem como os conceitos de heterossexualidade compulsória e sexualidade, de Adrienne Rich (2010); as teorias da escritora francesa Simone de Beauvoir (1967) e da filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2008) sobre gênero, feminismo e identidade; além dos conceitos de heteronormatividade (Warner, 1991) e masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmitt, 2013), muito acionados no texto.

Também há outras referências em relação à construção social e cultural do futebol no Brasil, expressas no livro “Veneno Remédio”, do professor de literatura da Universidade de São Paulo, José Miguel Wisnik (2008). Além de artigos que dialogam com a questão da homofobia dentro do futebol, como “Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia”, de

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) e “Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades”, de Carlos Magno Camargos Mendonça e Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (2021) - todas essas pesquisas buscam analisar e compreender os conceitos ligados ao universo masculino construídos histórica e socialmente dentro do ambiente futebolístico e ainda percebidos na atualidade.

O tema desta monografia faz um giro sobre as dificuldades enfrentadas por homens gays no futebol brasileiro, a partir do caso do árbitro Igor Junio Benevenuto, primeiro juiz do quadro FIFA a assumir sua homossexualidade. Antes dele, um grupo de árbitros entre as décadas de 60 e 90 protagonizaram um modo diferente de fazer arbitragem no Brasil, ao despertar curiosidade sobre seus comportamentos e trejeitos dentro do campo. A condução das partidas por parte destes árbitros, naquele período, chamava atenção para a não performance dos papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres. Os juízes não só não reproduziam a cultura futebolística da virilidade e da heteronormatividade, como, também, utilizavam gestos e vocabulário contrários que, pelo senso comum, são atribuídos às mulheres. A população que consumia futebol, os comunicadores e profissionais da área, então, consideravam os juízes como homossexuais. Embora apenas um destes árbitros tenha vindo a assumir, publicamente a um jornal da época, que era gay, a memória coletiva dos envolvidos naquele contexto, as súmulas e matérias jornalísticas registraram e confirmam a existência e a importância destes árbitros para se pensar tanto a presença dos homossexuais na ambiência do futebol, quanto a possibilidade de perceber diferentes tipos de manifestação das masculinidades neste espaço.

O objeto de análise da pesquisa é uma publicação do jornal esportivo Globo Esporte, conhecido como “GE”, que foi veiculada em seu perfil do Instagram no dia 8 de julho de 2022⁵. Neste post, o Globo Esporte explica que o árbitro de futebol Igor Junio Benevenuto se declarou homossexual em uma entrevista concedida ao podcast “Nos Armários dos Vestiários”, que também é produzido pelo GE. A imagem que acompanha a legenda da matéria traz falas marcantes de Igor Benevenuto retiradas do podcast, juntamente a algumas fotografias ilustrativas do juiz com o uniforme e seus equipamentos profissionais. Portanto, ela se torna essencial para o processo de pensar as reações e provocações que causou na comunidade futebolística. O objetivo geral da pesquisa, então, é entender, a partir dos comentários de usuários de redes sociais na publicação sobre a revelação de Igor Benevenuto, quais sentidos se materializam em torno do futebol, das masculinidades e da homofobia.

⁵Publicação do Globo Esporte no Instagram, veiculada na rede social dia 8 de julho de 2022, disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfwXzHttGbC/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Em relação aos objetivos específicos, destaco a importância de alguns movimentos realizados durante a pesquisa, que buscam atingir o objetivo geral. São eles: a identificação dos principais estereótipos associados ao futebol e à homofobia, que emergem dos comentários dos usuários de redes sociais; após identificação, a classificação das diferentes reações evidenciadas nas falas dos usuários diante da revelação de Igor Benevenuto, pensando sua influência nas percepções de masculinidade no contexto futebolístico; a exploração dos padrões de linguagem e retórica utilizados nos comentários da publicação, para compreender como são construídos os argumentos dos usuários; a investigação do funcionamento das redes digitais como espaços de discussão e construção de significados relacionados à sexualidade no universo do futebol; comparações entre as perspectivas e atitudes manifestadas por diferentes grupos de usuários, com o intuito de apontar possíveis mudanças de comportamento e consciência a partir das interações online sobre a saída de armário dos gays.

Para além disso, a prática homofóbica firma relações com outras formas de opressão, por exemplo, a manifestação de ações discriminatórias contra as mulheres, como a misoginia e o machismo. Logo, também se busca a comprovação de como o caráter da homofobia no âmbito futebolístico, que será analisado na pesquisa, contribui para a manutenção de um sistema preconceituoso muito consistente nesse esporte. Ademais, é preciso fazer o movimento de localizar narrativas alternativas, que dizem sobre outras iniciativas da comunidade futebolística nas redes sociais, como por exemplo, àquelas voltadas para a luta contra a homofobia e demais preconceitos no esporte.

Algumas ações desenvolvidas por grupos e organizações da comunidade LGBTQIAPN +, por exemplo, têm surtido grande efeito para acabar com o preconceito no futebol. Na busca por ocupar os espaços historicamente negados às pessoas LGBTQIAPN +, torcedores de diferentes clubes brasileiros criaram torcidas organizadas para abraçar o público não hétero, promovendo iniciativas que levam a causa para as arquibancadas dos estádios e, também, para as rodas de conversação nas redes digitais. “GaloQueer” (Atlético-MG), “Coligay” (Grêmio), “LGBTricolor” (Bahia), “Vasco LGBTQ +” (Vasco), “Porcoíris” (Palmeiras), “Fiel LGBT” (Corinthians), “Fla Gay” (Flamengo) e “Vozão Pride” (Ceará), são algumas das organizadas de importantes clubes do cenário esportivo nacional⁶.

A base metodológica do estudo foi pensada com a intenção de observar e coletar a maior diversidade possível de comentários na publicação sobre o árbitro. Por meio de uma análise de

⁶As informações sobre torcidas são do site Guia Gay São Paulo e 90 min e estão disponíveis em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/conheca-16-torcidas-lgbt-de-futebol-de-todas-regioes-do-brasil> e <https://www.90min.com/pt-BR/posts/5-torcidas-lgbtq-pioneiras-no-futebol-brasileiro>

construção de sentidos em redes sociais - movimento estudado pelo pesquisador de comunicação Ronaldo Henn (2014), ao se voltar para o cibercontecimento, e pela pesquisadora Raquel Recuero (2014), com a conversação em redes sociais - a pesquisa busca entender como se dá a construção social, identitária e comportamental dos indivíduos que expressaram suas opiniões na postagem. A *Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais* (Henn, 2014) compreende que as mídias integradas à internet fazem com que as mensagens alcancem diversos lugares e criem conexões entre si. Para realizar este movimento, entretanto, é necessário passar por etapas de observação do conteúdo específico que se deseja analisar. As fases consistem em explorar os materiais disponíveis sobre o que será estudado, agrupá-los para compreender o sentido produzido e, depois, separá-los conforme o significado e a representação de cada sentido.

Este modelo de análise foi escolhido porque permite aprofundar a perspectiva acerca das disputas de sentido geradas em torno de assumir publicamente a homossexualidade. Em relação ao procedimento metodológico, será realizado de modo exploratório e qualitativo, visando a compreensão das subjetividades e particularidades de cada comentário, bem como as respostas que a análise dará sobre a construção dos diferentes tipos de perfis desse público consumidor de futebol nas redes sociais.

A técnica utilizada para essa investigação é a separação dos comentários em categorias, para que seja possível organizar narrativas e linhas de pensamento semelhantes e divergentes entre si. Dessa maneira, será possível classificar os sentidos fabricados pelos usuários que comentaram, já que existem manifestações de apoio ao árbitro, manifestações de ódio e violência e também aquelas em que os perfis mostram indiferença pela revelação. O procedimento metodológico da pesquisa se dá pela observação e análise da construção de sentidos em redes sociais que, de alguma forma, colaboram ou não com o discurso da homofobia no futebol. A seguir explico, de modo detalhado, como os comentários serão selecionados e, posteriormente, analisados no capítulo 3 deste trabalho.

Para tratar de estudos sobre discursos em redes sociais digitais, trago, aqui, o texto “Shun de Andrômeda e as correntes da masculinidade: gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais”, o qual compreende, de acordo com Recuero; Bastos; Zago (2015) *apud* Machado e Gonzatti (2020, p. 212) que “[...] as redes digitais são responsáveis por configurar a maneira como determinadas mensagens se espalham através de múltiplos espaços - que podem incluir distintos sites de redes sociais - caracterizando sentidos e conexões específicas em torno de si”.

A publicação do Globo Esporte, que integra o Grupo Globo, foi escolhida porque dos sites que divulgaram notícias sobre as declarações do árbitro Igor Benevenuto, o perfil do GE no Instagram, que tem mais de 3,2 milhões de seguidores, foi o que mais gerou engajamento (que diz respeito ao número de visualizações, curtidas e comentários das postagens). Esta iniciativa do jornal esportivo, por compartilhar e integrar seus conteúdos de outros formatos (neste caso um podcast) nas redes sociais, é parte de um intenso movimento da imprensa para ocupar os espaços onde o público também tem participação ativa sobre a produção de narrativas jornalísticas futuras.

Segundo o portal Opinion Box, cerca de 99 milhões de brasileiros fazem uso da plataforma do Instagram todos os dias. A pesquisa, divulgada no dia 3 de fevereiro de 2023, mostra que o Brasil é o segundo país do mundo em números de usuários do Instagram, perdendo só para os Estados Unidos. Essa intensidade de conexão com o aplicativo não é somente pelo entretenimento que as redes sociais entregam, de forma geral, ao público consumidor, mas, também, pela possibilidade de empresas e instituições, através do marketing, integrarem as discussões com os demais usuários.⁷

O avanço das tecnologias faz com que a mídia também passe por transformações, influenciando a mudança nos padrões de vida e de consumo, bem como na forma de enxergar o mundo e gerar afetações. A influência do Instagram, especialmente, é percebida na maneira como algumas interações acontecem no âmbito da estética e da criação de estratégias enunciativas. Essa rede social foi criada, inicialmente, para publicação de fotografias em perfis pessoais. Atualmente, além das fotos, o Instagram comporta vídeos de diversos tamanhos e enquadramentos, conteúdos de publicidade e propagandas veiculadas tanto pela plataforma, quanto pelas empresas e organizações que compõem o grupo de usuários. O público, neste modelo intermediário, assume um papel de protagonista em relação à produção, ao fluxo de ideias e o que eles causam, inclusive, por meio dos comentários em posts da rede, que criam novos discursos para se pensar a questão comentada aqui.

Nas primeiras observações da postagem, iniciadas entre os dias 2 e 20 de março de 2023, foi possível notar um número elevado de curtidas, totalizando 18.924. Após novo acesso à publicação, no dia 4 de julho de 2023, o número total de “likes” (expressão do vocabulário digital que quer dizer “gostei”) aumentou para 18.938. O número de comentários ficou em 1.001, considerado alto se compararmos com outras publicações do mesmo dia. Por exemplo:

⁷Pesquisa do portal de notícias Opinion Box, divulgada no dia 3 de fevereiro de 2023, disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%202%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>.

uma postagem sobre a estreia da Seleção Brasileira Feminina no maior torneio de futebol das Américas, que teve pouco mais de 2.000 curtidas; além de outra publicação do jogador Lionel Messi, da Argentina, usando o uniforme que a equipe lançou para a Copa do Mundo, com 14.108 likes. As respostas ao post vieram por interação via texto ou emojis, que são pictogramas/ideogramas, ou seja, traduções de ideias, palavras, frases ou expressões por meio de códigos que as transformam em representações gráficas.

As falas e reações observadas nos comentários nesta segunda ação de análise, sobre o que Machado e Gonzatti (2020) chamam de “constelações de sentido”, foram divididas da seguinte forma: (1) comentários homofóbicos que, de alguma maneira, são violentos, odiosos, irônicos e/ou indiferentes; (2) comentários que, além de homofóbicos, são machistas e misóginos; (3) comentários que, de alguma forma, apoiam o árbitro e incentivam a luta contra o preconceito. No total, foram selecionados 70 comentários da publicação do Globo Esporte no Instagram, que se dividem nas três constelações de sentido definidas conforme pedem as discussões teórico-conceituais desenvolvidas em cada uma delas. A escolha por determinados comentários ao invés de outros foi determinada com a intenção de marcar os padrões de narrativas criados por usuários quando se trata de expressar opiniões nas redes sociais sobre assuntos como o da sexualidade. O vocabulário utilizado por consumidores de futebol se caracteriza por gírias e expressões específicas do meio esportivo em que esse público é inserido. A decisão pela seleção de 70 comentários é, então, baseada no número de repetições de alguns comentários na publicação, que carregam sentidos similares e muito significativos do ponto de vista de compreender como é estruturada a prática da homofobia no futebol. Assim, será viável a realização de uma análise que contempla discursos diversos sobre o mesmo objeto.

2. Sexualidade, homofobia e futebol

2.1 As reflexões sobre gênero e sexualidade

As pesquisas envolvendo a temática do gênero ressurgem com impacto durante a década de 1960 (século XX), buscando entender e criticar a condição de subordinação vivida pelas mulheres naquele período. Simone de Beauvoir (1967) já havia afirmado que nenhuma de nós nascemos mulheres por essência psíquica, biológica ou mesmo divina, mas que nos tornamos mulheres a partir de construções socioculturais de gênero responsáveis por estruturar a sociedade. A mesma lógica serve para os homens, de acordo com Machado (2018, p. 25), quando diz que “[...] é com base nisso, pois, que se afirma que ninguém nasce homem, mas sim se torna. A identidade de gênero, assim como qualquer identificação, se constitui em processo, está sempre sendo produzida, é um contínuo devir”. Esta concepção estabelecida por Machado (2018) é parte das mudanças promovidas sobre os estudos de gênero na década de 90, com o intuito de ampliar o leque sobre a atribuição da palavra “gênero” ao feminino.

Isso considerando que, em ambos os casos, para homens e mulheres, existem regras comportamentais determinantes para a formação de cada identidade. Por exemplo, sob determinada lógica biologicista, essencialista e transfóbica, ser mulher é ser frágil, doce, passiva e, também, possuir o órgão genital vaginal, ser homem consiste em reforçar o contrário de tudo isso: a virilidade, a frieza, a atividade e a dominação pelo pênis. A preservação de uma certa moral e naturalidade advindas da religião e de determinado pensar científico também reforçam esses estereótipos criados. Os gêneros designados no contexto do nascimento, e reiterados, a partir de diversas lógicas, ao longo de uma vida, masculino e feminino, não são apenas convenções, mas sim frutos de ideologias fundamentadas que criam códigos para serem obedecidos a fim de que se estabeleça uma determinada ordem. Para o pesquisador Daniel Borrillo (2001, p. 15): “[...] a divisão dos gêneros e o desejo (hetero)sexual funcionam mais como um mecanismo de reprodução da ordem social que como um mecanismo de reprodução biológica da espécie”.

Diferentemente do que dizem as correntes de pensamento essencialistas da filosofia, em relação à diferença imposta no modo de vida de homens e mulheres, ambos podem

apresentar personalidades e comportamentos similares. É parte do que afirma Preciado (2014), quando diz que as concepções de sexo e gênero não deveriam ser consideradas apenas “naturais”, no sentido biológico, já que estão em constante transformação no âmbito sociopolítico. O autor considera que é necessário voltar os olhares para as possíveis variáveis sociológicas como a etnia e a classe social, influências diretas para a constituição das identidades. Também é algo discutido nas vertentes feministas quando criticam as teorias do determinismo biológico, que, por uma lógica reducionista, justificam o sucesso ou fracasso dos indivíduos com base em características biológicas.

Sendo assim, reduzir o indivíduo aos aspectos fisiológicos e “naturais” do seu corpo parece uma tentativa de controlá-los, mesmo que se admita, utilizando a filosofia, a história ou a antropologia, que somos mais do que uma mera espécie utilizando seu corpo para reproduzir. Portanto, " [...] em consequência, somos naturalmente submetidos ao destino da natureza (macho/fêmea) e assumimos nossa vocação antropológica masculina ou feminina” (Borrillo, 2001, p. 37). Para Borrillo (2001), não por ordem natural, mas por consequência desses padrões pré-estabelecidos, os homens são o centro do mundo. Connell e Messerschmidt (2013) fazem um movimento parecido ao refletir sobre a estruturação do que chamam de “masculinidade hegemônica”, a partir da ideia de que o gênero é estabelecido com base nas relações sociais e de poder, nas experiências e na personalidade vividas por cada indivíduo e, em consequência disso, construído para privilegiar homens em detrimento de mulheres e homens em detrimento de outros homens. De acordo com Machado (2018, p. 37), ao trazer o conceito de masculinidade hegemônica de Connell e Messerschmidt (2013):

[...] A masculinidade hegemônica, pois, será definida como a configuração da prática de gênero que incorpora a resposta aceita no que se refere à legitimação do patriarcado, garantindo aí, a subordinação das mulheres aos homens, bem como de determinados homens a outros.

A força deste modelo de vida forma uma base tão sólida que se torna quase que impossível distinguir as questões de gênero dos mecanismos políticos e sociais que regem os sistemas de governo de cada nação. As nossas leis, a ordem e a moral são, inclusive, aparelhos criados pela igreja com base nas traduções dos livros religiosos do mundo antigo. A consequência disso, mesmo depois da chegada ao século XXI, é que as ações políticas e sociais ainda permitem a legitimação das desigualdades entre os gêneros e as sexualidades. Nesta lógica cabe, então, à figura masculina, a responsabilidade por seguir à risca esses códigos e

também trabalhar para a manutenção deles em sociedade. De acordo com Machado (2018), os homens modernos foram criados para que sua imagem transmita, sistematicamente, a ideia de que eles devem honrar o seu gênero e os atributos que carregam com ele. Tudo que escapa desses estereótipos é considerado um flagrante da feminilidade, o que faz com que homossexuais, por exemplo, não sejam considerados homens. Para Borrillo (2001, p. 18):

[...] É por essa razão que os homossexuais não são mais as únicas vítimas da violência homofóbica, que se dirige também a todos que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transsexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais que têm personalidade forte, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade.

Evocam-se, portanto, para além dessas reflexões, os conceitos da filósofa americana Judith Butler (2000), sobre performance de gênero e sexualidade, que dizem da maneira como o corpo, proposto a ser pensado pela pesquisadora mediante uma perspectiva não binária, aprende a se comportar de maneiras específicas para caber nos padrões da sociedade. Segundo a autora, tal performatividade é observada nas repetições e gestos decorados visíveis nas condutas e modos de viver das pessoas, que reduzem os sujeitos em nomenclaturas como homem e mulher, pressupondo, também, a heterossexualidade desses indivíduos. Este deslocamento da naturalização que se criou sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades é, portanto, o que desafia os teóricos pós-estruturalistas a construir lógicas inclusivas para outros grupos à margem da identificação com os atributos de gênero e da heterossexualidade.

O fato de a realidade de gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performático do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2003, p. 201).

Fazendo uma crítica aos estudos feministas anteriores, Butler (2003) provoca o questionamento do conceito de “gênero”, afirmando que este se fundiu, inadequadamente, ao entendimento do conceito de “sexo”. O resultado dessa teorização é a confusão entre os atributos sociais que se fazem culturalmente e aqueles que não dizem respeito a uma escolha por parte do indivíduo. A construção dos sujeitos, da ideia de corporalidade e materialidade,

portanto, deveria ser pensada considerando a performance de gênero, discussão desenvolvida por Butler com o objetivo de desconstruir as lógicas binárias e ontológicas de organização dos sujeitos em sociedade. Dessa maneira, antes de chegarmos às discussões sobre outros elementos como a orientação sexual e identidade de gênero, é preciso entender que os fundamentos em torno do gênero e da sexualidade foram pensados para dividir os indivíduos entre masculino e feminino o mais cedo possível. Sendo necessário, então, para o movimento de desnaturalização, considerar e criticar estas normas pré-estabelecidas que têm raízes profundas na história da humanidade.

2.2 O caráter da homofobia

Diversos são os estudos que buscam explicar o fenômeno da homofobia, mas é de grande complexidade chegar a um único conceito que consiga incluir todas as formas de praticar e sistematizar a homofobia na sociedade. Para Borrillo (2001, p. 17):

[...] Enquanto a heterossexualidade é definida pelo dicionário como a sexualidade (considerada normal) do heterossexual, e este, como aquele que experimenta uma atração sexual (considerada normal) pelos indivíduos do sexo oposto, a homossexualidade, por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade. Nos dicionários de sinônimos, a palavra “heterossexualidade” nem sequer aparece; por outro lado, androgamia, androfilia, homofilia, inversão, pederastia, pedofilia, socratismo, uranismo, androfobia, lesbianismo, safismo e tribadismo são propostos como equivalentes ao termo “homossexualidade.

Se partirmos das ideias de Connell (2003), na tentativa de entender uma das formas como se constrói o pensamento homofóbico, chegamos no que a autora chamou de “masculinidade subordinada”, termo que, em síntese, diz que alguns homens são submissos a outros devido às diversas posições de poder que ocupam dentro da sociedade. Nesta lógica, por exemplo, os homens heterossexuais impõem dominância sobre os homens homossexuais. Machado (2018), ao discutir os conceitos do sociólogo Michael Kimmel (1998), explica que para além dessa perspectiva, é necessário pensar as masculinidades por questões sociais e culturais, mas, também, considerando uma hierarquia de dois elementos neste processo: o sexismo e a homofobia. Neste tópico, o foco da discussão é a homofobia.

Para entender a homofobia é necessário, antes de qualquer coisa, saber como a “heteronormatividade” opera na vida prática dos sujeitos. O conceito de heteronormatividade foi citado primeiramente pelo teórico social Michael Warner (1991), como uma definição do fenômeno de sistematização e regulação do comportamento de homens e mulheres observado na sociedade. Estudar, portanto, as formas de manifestação da sexualidade dos indivíduos, se tornou uma ferramenta importante para compreender a sexualidade como um dispositivo pós-moderno de poder. Eve Kosofsky Sedgwick (1993) percorre um caminho similar ao de Warner quando propõe investigação sobre a “epistemologia do armário”, termo que deu nome ao seu livro escrito em 1993.

Ao observar o caso de um professor que foi acusado de ser gay em 1974, em Maryland, nos Estados Unidos, o “armário” para Sedgwick funciona como um lugar que confere segurança à sexualidade dominante da sociedade, que é a heterossexualidade. Acanfora, o professor, foi proibido de voltar a dar aulas no Condado de Montgomery sobre o pressuposto de que sua sexualidade representava ameaça aos alunos. No julgamento, a política judicial da época sustentou que a sexualidade de alguém não é assunto público, mesmo Acanfora tendo recorrido da decisão de banimento ao afirmar que não era gay. O que se nota, entretanto, é que a sexualidade do professor só representa ameaça às estruturas econômicas, sociais, sexuais e de gênero da própria cultura heterossexista. A heteronormatividade de Warner (1991), em concomitância com a lógica de Sedgwick (1993), portanto, fazem jus ao *modus operandi* da heterossexualidade que insiste em trabalhar para que os homossexuais voltem para o chamado “armário”.

Em contrapartida aos argumentos usados quando se fala sobre privar a homossexualidade, há a cobrança para que homossexuais se relevem sob a mesma acusação: serem quem eles são - acontece como uma exposição compulsória, que bate de frente com a privação e, nas palavras de Sedgwick (1993, p. 27), traz na imagem do assumir-se a seguinte metáfora:

[...] Se cada pessoa gay se assumisse para sua família”, [...] “cem milhões de americanos poderiam ser trazidos para o nosso lado. Empregadores e amigos heterossexuais poderiam significar mais cem milhões”. E, no entanto, a recusa do Distrito Escolar de Mad River de ouvir a fala de uma mulher que se assume como um ato autêntico de discurso público ecoou na fria resposta dada a muitos atos de auto-revelação: “Tudo bem, mas o que a fez pensar que eu queria saber disso?”

Portanto, as possibilidades que marcam as estruturas distintas da epistemologia do armário se dividem entre a auto revelação dos homossexuais, que poderia fortalecer a causa, e a exposição pessoal, que pode afetar o curso de vida destes indivíduos.

Esta e outras estratégias são usadas por indivíduos protetores de determinadas tradições, principalmente aqueles que se encontram em posições de poder dentro das instituições sociais como as escolas, as famílias e as igrejas - encarregados da ordenação social. O sistema dessas instituições coloca os assuntos envolvendo sexualidade em lugar de profanidade, silenciando e proibindo o conhecimento sobre estes aspectos que, muitas vezes, levam para a fisicalidade dos corpos no domínio sexual. As entidades trabalham, também, na manutenção de uma ordem onde as “verdades” sejam consideradas inerentes e imutáveis aos seres humanos. Dessa maneira, submetidos a ideia de um possível corrompimento dos valores morais, acusam-se pesquisadores dos conceitos de gênero e das sexualidades de promover o que chamam de “ideologia de gênero”, sob o pressuposto de que estas lógicas ameaçam os pilares tradicionais e trabalham para a corrupção de menores, a zoofilia e a pedofilia. Seguindo este mesmo panorama, o termo “ideologia de gênero” pede um mergulho sob o campo pedagógico e educacional brasileiro, no sentido de entender como as diretrizes nacionais tratam o assunto da sexualidade no âmbito escolar.

No Brasil, pode-se observar que tais preconizações são pautas que envolvem o Plano da Educação. As Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, homologada em 2012, afirma que, independentemente de sexo, orientação sexual e identidade de gênero, todas as pessoas devem usufruir de uma educação não discriminatória e democrática. Considerando obrigatória uma Educação pautada nos Direitos Humanos, o projeto político-pedagógico do Ensino Médio precisaria conter temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros. Essas diretrizes também coadunariam com o Estatuto da Juventude, o qual afirma o dever de garantia do poder público ao Direito à Diversidade e à Igualdade (Lima; Sordi, Valente, 2018, p. 14).

Contudo, o que se vê, na prática, levando em conta o cenário político fragilizado, são reforços para com as normas baseadas no discurso conservadorista. Tanto o Plano Nacional de Educação citado pelos autores, quanto a promoção do diálogo com a sociedade, que crescia no período, foram veementemente condenados por líderes e representantes políticos religiosos. O freio e, posteriormente, a regressão dos debates sobre gênero e sexualidade no Brasil, criaram, então, os fantasmas e imaginários de termos como “alienação” e “doutrinação”, vistos como métodos de persuadir os indivíduos a uma “conversão” da heterossexualidade para a homossexualidade.

Em suma, associada à libertinagem, à indução à homossexualidade e a uma confusão dos papéis sociais, muitos brasileiros acreditam estar em frente de uma grande ameaça, que destrói princípios religiosos e científicos. Afinal, esses ensinamentos “subversivos” também teriam consequências sociais: mulheres ocupando lugares de homens, homens afeminados, casais não-reprodutivos e um sexo profano, fora da lógica binária pênis-vagina, desafiando a natureza e a biologia dos corpos ditos normais (Lima; Sordi; Valente, 2018, p. 16).

As questões relacionadas à gênero, educação sexual e sexualidade podem ser pensadas como ferramentas de exclusão e violência nos currículos escolares. Pelo menos é parte do que afirmam Carlos Mendonça (2020) e Felipe Mendonça (2020), entendendo a “ideologia de gênero” como um exercício colonizador da educação. Esse termo é uma abreviação do que os autores chamam de agenda de combate ao gênero, que seria um conjunto de ações elaboradas por defensores de interesses conservadoristas, com o intuito de que a educação crítica não seja discutida entre docentes e discentes no ambiente escolar brasileiro. Os “combatentes de gênero” (Mendonça, C. e Mendonça, F., 2020), pois, com base no determinismo biológico dos corpos, na construção e na manutenção de masculinidades, impedem a implementação de projetos pedagógicos e políticas públicas voltados para a inclusão, a educação sexual e os enfrentamentos das desigualdades no campo pedagógico.

O sintagma da “ideologia de gênero” é definido, então, a partir da naturalização essencialista que delega os papéis de gênero e os padrões de comportamento aos sujeitos. Esta lógica, por conseguinte, trabalha a manutenção das dominações em que a “ideologia de gênero” “[...] sendo exclusivamente cis-heteronormativa, tutela corpos e designa, pedagogicamente, a ascendência do masculino sobre o feminino, os valores do patriarcado como base para a organização familiar e social, a subalternidade de todos os corpos não homem” (Mendonça, C. e Mendonça, F., 2020, p. 97). No âmbito escolar, portanto, masculino e feminino são marcadores de identidade que colocam os valores e a moral preservados pelos dogmas religiosos em forma de organização e hierarquização social.

No que diz respeito à forma como a heterossexualidade se manifesta, muitas vezes opressiva e violenta, os estudos feministas de Adrienne Rich (2010) explicam que a “heterossexualidade compulsória” tem sido fortalecida através da legislação, da religião, da mídia e por meio da censura. Esses meios, segundo a autora, podem ser entendidos como fontes de poder masculino, que trabalham para a manutenção da desigualdade, da brutalidade física e de um certo controle da consciência. A compulsão citada por Rich (2010) é gerada pelos ideais super românticos do casamento e das relações heterossexuais, e podem ser notadas nas

representações de amor na arte, no cinema, na literatura, nas músicas, na televisão, entre outros. A forma como os homens hétero enxergam as mulheres, portanto, também se reflete em como enxergam os homossexuais, uma vez que a figura do homem gay é associada à feminilidade das mulheres.

Diferentemente da confusão entre alguns dos termos e conceitos ligados ao gênero e a sexualidade, notados na epistemologia de Eve Sedgwick (1993), os estudos modernos parecem ter decodificado e definido algumas terminologias necessárias para discutir as questões envolvendo a sexualidade dos indivíduos. Este movimento torna-se essencial para não gerar má interpretação e noções conturbadas sobre as “novas” sexualidades. Por exemplo, a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, conceitos estabelecidos no século XXI por psicólogos e estudiosos da área, que tratam a relação entre sexo e gênero para além da biologia.

Para Talita Melo e Maura Sobreira (2018) em concomitância com Rios e Piovesan (2001), pensando na perspectiva literária dos termos, identidade de gênero se refere a forma como o indivíduo se identifica pensando na separação social homem ou mulher. Se compatível com a materialidade do corpo (genitálias), compreende-se que aquela pessoa é cisgênero. Quando não há identificação com o órgão genital, entendemos o indivíduo como transgênero, travesti ou transexual. Há, ainda, aqueles que se denominam não binários, pessoas que não se identificam com nenhum dos gêneros atribuídos socialmente pela cisnormatividade, masculino ou feminino. Já a orientação sexual é a:

[...] identidade que se atribui a alguém em função da direção da sua conduta ou atração sexual, se esta se dirige a alguém do mesmo sexo, denomina-se de orientação homossexual; se, ao contrário, a alguém do sexo oposto denomina-se heterossexual, se pelos dois sexos, de bissexual [...] Dessa maneira, a orientação sexual está relacionada ao sentido do desejo sexual do indivíduo, se pelo mesmo sexo, pelo oposto ou por ambos (Melo e Sobreira, 2018, p. 283).

Identidade de gênero e orientação sexual, portanto, coexistem de forma independente. Gênero e sexualidade ainda são princípios organizadores da sociedade ocidental e moderna, responsáveis por ditar as regras de produção, de consumo, da divisão do trabalho, dos interesses e necessidades de homens e mulheres. No entanto, nota-se um avanço ao tratar dessas questões que, até determinada época, eram consideradas verdadeiros tabus pelas instituições sociais. No Direito, por exemplo, a problemática a respeito da discriminação de pessoas por conta de sua identidade de gênero só foi definida tardiamente.

Em 2006, foi formado um grupo de juristas de todo o mundo, que se reuniu na Indonésia, para desenvolver princípios internacionais que orientassem os Estados à proteção de direitos humanos de pessoas discriminadas em razão de orientação sexual e identidade de gênero. Assim, os “Princípios de Yogyakarta sobre a Aplicação da Legislação Internacional de Direitos Humanos em relação à Orientação Sexual e Identidade de Gênero” foram apresentados no ano seguinte ao Conselho de Direitos do Homem da Organização Internacional das Nações Unidas. Nos termos do referido documento internacional, a identidade de gênero refere-se à compreensão íntima que cada indivíduo tem de si, abarcando o olhar subjetivo sobre o próprio corpo e outras expressões externas (Costa, 2020, p. 267).

Ainda de acordo com a pesquisa de Brenda Costa (2020), a Convenção Interamericana contra Toda Forma de Discriminação e Intolerância, aprovada em 2013, na 43ª Assembleia Ordinária da Organização dos Estados Americanos (OEA), pode ser considerada o primeiro documento internacional que veda expressamente discriminações praticadas em razão de orientação sexual, identidade e expressão de gênero. No Brasil, os avanços para assegurar os direitos da população LGBTQIAPN + são notados em alguns recursos protocolados por minorias parlamentares junto ao Supremo Tribunal Federal, como o reconhecimento dos casamentos e uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo, o direito a adoção sem restrições aos casais homossexuais, além do direito à realização de cirurgia de redesignação sexual no Sistema Único de Saúde (SUS) e de alteração do registro civil para inclusão de nome social correspondente à identidade de gênero.

Mesmo que consideremos as iniciativas de grupos sociais e do âmbito jurídico para tornarem legítimas as pautas relativas à identidade de gênero e à orientação sexual, é necessário pensar que transfobia e homofobia persistem a se manifestar sistematicamente com grande influência nas decisões governamentais. Para o presente estudo, é preciso traçar o caráter da homofobia, que diz sobre a orientação sexual dos indivíduos, com um recorte ainda mais específico que será abordado nos próximos tópicos da pesquisa: o da homofobia contra os gays. Para Daniel Borrillo (2010), a homofobia é estruturada com base nas definições prévias dadas pela heteronormatividade, responsável por levar a homossexualidade a ser tão hostilizada pelas sociedades.

Observando o papel da linguagem neste processo, Borrillo (2010) chama a atenção para uma prática de descaracterização do sujeito que acontece por meio da diferenciação entre os indivíduos. Homossexuais são tratados como aberrações, doentes, perversos e outros termos pejorativos impostos pela norma social, enquanto a heterossexualidade tem um valor hierárquico soberano que lhe confere naturalidade. Este tipo de prática homofóbica aparece tanto em piadas, quanto na ridicularização e inferiorização de gays e lésbicas. Neste processo

de diferenciação, é comum a negação de direitos aos homossexuais, como o direito ao casamento ou adoção. Isso porque as civilizações modernas instalaram um modelo no qual a heteronormatividade tolere essa minoria, mas não ofereça políticas igualitárias que atuem em benefício dela. Quando se extrapolam os limites dessa descaracterização, a homofobia passa a ser sistematizada em atos de violência verbal, moral, física, até que se chegue na morte e extermínio dos homossexuais.

[...] O sistema a partir do qual uma sociedade organiza um tratamento segregacionista segundo a orientação sexual pode ser denominado “heterossexismo”. Ele e a homofobia – compreendida como a consequência psicológica de uma representação social que, outorgando à heterossexualidade o monopólio da normalidade, fomenta o desdém em relação àqueles e àquelas que se distanciam do modelo de referência – constituem as duas faces da mesma intolerância e merecem, por conseguinte, ser denunciados com o mesmo vigor que o racismo ou o antissemitismo (Borrillo, 2010, p. 20).

O caráter da homofobia também é formado por mecanismos como o medo, a aversão ou a repulsa por homossexuais. Em áreas como a da psicologia e da religião, por exemplo, a homossexualidade abala as estruturas sociais estabelecidas para promover a heterossexualidade, seja de modo individual, com o questionamento e negação da própria sexualidade no âmbito psicológico, quanto coletivo, com o enfraquecimento dos dogmas e políticas conservadoras pregados pelas igrejas, que atuam como vigilantes da sexualidade dos indivíduos. Na cultura e na política, a lógica diferencialista durante muito tempo justificou o tratamento discriminatório e tutelar das mulheres, do mesmo modo como a diferenciação entre raças legitimou a escravidão e o colonialismo (Borrillo, 2010). É neste sentido que o discurso da homofobia foi construído para ser mais um aparelho de dominação.

De acordo com Reis e Egget (2017, p. 20), com apoio em discurso fundamentalista religioso, a falsa disseminação da “ideologia de gênero” como uma doutrina que seria imposta nas escolas contra valores morais e da família tem causado “pânico, retrocesso e demonização do inimigo”. No entanto, a discussão de gênero, nas escolas (e não a suposta ideologia de gênero), tem como objetivo promover uma superação de desigualdades, fruto de debates democráticos que se consolidaram ao longo de ações, acordos e políticas públicas (Lima; Sordi, Valente, 2018, p. 16).

Hierarquizar as sexualidades, portanto, é uma estratégia política manifestada pela heteronormatividade. Segundo Borrillo (2010, p. 34): “[...] para existir, o heterossexismo não precisa de hostilidade irracional ou ódio contra os gays; basta justificar intelectualmente essa

diferença que coloca a heterossexualidade num patamar superior”. Isso explica porque nem sempre a homofobia vem acompanhada de violências, mas ao contrário, faz com que os sujeitos adotem comportamentos tóxicos e viris camuflados pela naturalidade do que é ser heterossexual. Entre os homens, principalmente, estes hábitos impedem relações íntimas e demonstrações de afeto (Louro, 2000). Além de todos os estigmas utilizados para condenar a homofobia, aqui apresentados, a quebra dos preconceitos acerca do comportamento e da sexualidade de homens e mulheres demora a acontecer muito por conta de fatores como falta de representatividade e referenciais socioculturais que geram identificação.

Seja nas artes, no cinema, na música ou nas televisões, a presença de homossexuais em cargos e posições expressivas, sem que fossem estereotipados ou ridicularizados, só foi notada depois de muita luta. Se pensarmos em personalidades famosas mais próximas do nosso tempo, por exemplo, nomes como Elton John, David Bowie e Freddie Mercury, na música, Ian McKellen e Neil Patrick Harris, no cinema, e Ellen Degeneres, na televisão americana, foram pioneiros ao se assumirem homossexuais ou bissexuais em ocupações de protagonismo. No Brasil, Cazusa, Renato Russo, Cássia Eller e Ney Matogrosso, da música, foram referências da representatividade LGBTQIAPN + durante o período ditatorial brasileiro entre os anos de 1964 e 1985. A seguir, proponho a discussão da homofobia contra gays no nicho dos esportes, mais especificamente no futebol, onde o preconceito criou profundas raízes e a presença de profissionais assumidamente homossexuais é quase nula.

2.3 Futebol: fenômeno social e cultural da sociedade brasileira

A identidade de um povo ou de uma nação é formada por diferentes fatores que constituem uma determinada cultura e região. O futebol não nasceu no Brasil, mas desde que se instalou aqui, se tornou parte da construção do que é ser brasileiro. Dos fenômenos históricos e socioculturais relacionados ao futebol, que proponho neste tópico discutir, identidade e masculinidade se fazem primordiais para entendermos a capacidade do futebol, para além da prática esportiva, de formar caráter. Também é necessário o desenvolvimento acerca de conceitos como virilidade, poder, competitividade e masculinidade frágil, comportamentos muito observados no ambiente do futebol.

Criado em 1863, inicialmente para entretenimento das elites britânicas, o futebol foi chamado de “ideologia universal” pelo argentino Juan José Sebreli (1998). O ensaísta escreveu “A era do futebol” como uma espécie de crítica ao esporte, mas acabou reforçando a importância dele do século 19 até os dias atuais. Parafraseando a discussão de José Miguel Wisnik (2008) com Sebreli, em seu livro “Veneno Remédio”, o futebol opera como ideologia, a exemplo do cristianismo, do socialismo e do islamismo. No entanto, ainda se diferencia das demais ideologias pela capacidade de unir diferentes sociedades, culturas, continentes, raças e sistemas políticos. O entendimento de que o futebol seria o “ópio do povo” é um dos conceitos de Sebreli (1998) que busca explicar que a proposta do futebol é não mais do que a de ocupar o tempo de “vidas vazias”. Para ele, tamanha insignificância parece ser o motivo principal para que este esporte tenha ganhado popularidade mundial, pois diferentemente das outras doutrinas, ele se propõe única e exclusivamente a entreter a quem assiste.

Tomado pela classe trabalhadora durante a expansão industrial na Inglaterra, o futebol tornou-se um meio de propagação da competitividade exacerbada, do interesse econômico, da violência, do machismo e outros preconceitos. Para Wisnik (2008), a possibilidade de que essas ações sejam notadas dentro do campo e no contexto dos jogos, nos permite entender o futebol como um espaço de constantes conflitos simbólicos. Ainda de acordo com Wisnik (2008), o futebol catalisa violências, como observamos na prática com as torcidas organizadas dos clubes que, muitas vezes, adotam comportamentos de gangues, fazendo uso da força física para oprimir outras torcidas e quaisquer outros indivíduos que se opuserem ao clube defendido. Este fanatismo é explicado pelo autor como uma psicologia de massas, responsável por reforçar a paixão dos espectadores com o seu time a partir da identificação, quase que de forma cega e incontrolável.

No século XX, o futebol reforçou um dos imaginários da cultura brasileira construídos pela literatura de autores como Machado de Assis e Sérgio Buarque de Holanda. Na reflexão de José Wisnik, o “complexo de vira-lata” citado pelo escritor Nelson Rodrigues não foi resolvido, e se mantém numa balança entre a ambição de grandeza máxima que a competição esportiva impõe e a impotência infantilizada de um povo periférico e colonizado. Importado da elite britânica, o futebol no Brasil entra em harmonia com o jeito de ser brasileiro e assume o desafio de, como instituição, levar a prática aos brasileiros que ocupam os espaços marginalizados da sociedade, onde encontrava-se a população preta e pobre do país, com pouca expectativa de ascensão social.

É pensando no âmbito da representatividade de um esporte tão popular que se percebe o quão tardiamente o futebol passou a tolerar a presença de negros, mulheres e, muito depois,

da comunidade LGBTQIAPN +. Os primeiros clubes a admitir a presença de negros como atletas profissionais foram Bangu, Ponte Preta e Vasco da Gama (clube que ficou marcado na memória coletiva brasileira pela luta antirracista), em meados de 1905. A Seleção Brasileira só contou com uma equipe miscigenada na Copa do Mundo de 1938, antes disso, teve a presença de apenas dois atletas negros: Fausto e Leônidas da Silva⁸. Já as mulheres só puderam jogar futebol regularmente a partir do ano de 1983, após derrubada a proibição criada em 1941, na era de Getúlio Vargas, que alegava ser contra a natureza feminina a prática de esportes⁹. A questão da sexualidade, entretanto, sempre foi um assunto delicado dentro do futebol, porque embora a presença de gays e lésbicas não seja proibida por regra ou lei, este esporte cria acordos internos de silenciamento para a manutenção de uma cultura heteronormativa. Foi somente em 1991, com o inglês Justin Fashanu, que um jogador profissional assumiu sua homossexualidade. Justin foi vítima de preconceito por companheiros de clube e também pela imprensa da época. Por pressão de patrocinadores e instituições, além de uma acusação de agressão, viu sua carreira acabar e em seguida cometeu suicídio¹⁰.

Numa perspectiva moderna, ao se aproximar da década de 1970, a lógica do futebol passou a ocupar um tempo cotidiano quase onipresente e incansável na vida das pessoas. Sua popularidade alcançou níveis globais e, conseqüentemente, a necessidade de atualizar e aperfeiçoar o esporte. Neste sentido, Wisnik (2008) chama atenção para o que nomeou de “otimização de rendimento”, uma das explicações que sustentam o futebol como um campo “dialógico” e “conflitual” onde valores e princípios são colocados a prova por meio de uma administração planejada da eficiência. Estes termos utilizados por Wisnik (2008) dizem respeito à técnica do jogo, juntamente às estratégias e suas aplicações durante as partidas. A otimização do rendimento é um pensamento que denota a importância da competitividade e da virilidade no futebol, pois estes vieram a ser princípios fundamentais para o espírito do jogo em países tradicionalmente futebolísticos como é o caso do Brasil.

A preparação física, então, é pensada para que os jogadores apliquem força máxima e ocupem a maior quantidade de espaço dentro das quatro linhas do campo, de modo que a eficiência das estratégias táticas seja alcançada. O corpo atlético e musculoso é herança das

⁸Reportagem do jornal El País, publicada no dia 7 de abril de 2019, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/deportes/1554498170_792322.html

⁹Matéria do Jornal da USP, publicada no dia 13 de junho de 2019, disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/#:~:text=%E2%80%9COs%20olhares%20e%20coment%C3%A1rios%20repressores,e%20a%20relev%C3%A2ncia%20econ%C3%B4mica%20internacional.>

¹⁰ Reportagem da revista Gama, publicada no dia 20 de novembro de 2022, disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/quem-e-voce-na-copa/por-que-jogadores-lgbt-nao-tem-vez-no-futebol/>

Olimpíadas, onde testam-se, até hoje, os limites físicos e psicológicos dos atletas. Para além da habilidade e da performance, no futebol os jogadores devem mostrar seus valores, geralmente baseados em conceitos como os de raça, coragem, força e gana. Não basta que o profissional cumpra suas funções táticas com técnica e resultados positivos, é necessário conquistar os torcedores com paixão, superação e vontade de vencer. Sendo assim, o comportamento que se espera tanto dos jogadores, quanto das outras personagens do meio futebolístico, como torcedores, técnicos e árbitros, é baseado nos modos de construção das masculinidades, como explicado por Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) em "Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: um jogo dentro do jogo".

A masculinidade operada no futebol pode ser manifestada de variadas formas. Em relação à torcida, como observado no estudo de Bandeira e Seffner (2013), a homofobia aparece legitimada e naturalizada por meio de violências verbais e até físicas. É comum nos estádios de futebol do Brasil a presença de cânticos homofóbicos entoados por multidões de torcedores, que ditam o ritmo dos jogos e buscam desestabilizar o time adversário. Para Bandeira e Seffner (2013, p. 247): “[...] o estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades”. Portanto, pensar as torcidas de futebol é pensar como a heteronormatividade (Warner, 1991) e a heterossexualidade compulsória (Rich, 2010) encontram bases sólidas neste contexto cultural e trabalham para reforçar os estigmas e preconceitos acerca da homossexualidade.

No ambiente futebolístico, esta representação de masculinidade demonstrada pelo comportamento viril é almejada e constantemente transmitida entre os agentes envolvidos, sendo considerada uma qualidade dos jogadores. Se institucionaliza e, então, se transforma o futebol em um potente espaço para reforçar hierarquias e identidades entre os homens, de modo que o caráter e a personalidade desses indivíduos sejam construídos a partir dos comportamentos histórica e culturalmente associados às figuras masculinas. Muitas das letras homofóbicas cantadas nas arquibancadas colocam os homens penetrados nas relações sexuais em uma posição desfavorável se comparados aos homens dominantes das ações de intimidade. De acordo com Bandeira e Seffner (2013), são atributos de uma masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013) fundamentada em hierarquias nas quais se definem os limites do que é ser um homem heterossexual sem que se questione sua sexualidade.

[...] O cântico “Atirei o pau no Inter (Grêmio)/ E mandei tomar no cú/ Macacada (Gremista) filha da puta/ Chupa rola e dá o cú/ Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cú/ Olê, Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter)” é cantado tanto pela torcida do Internacional

como do Grêmio (BANDEIRA, 2009). Esse é um dos cânticos que consegue maior unidade nos dois estádios (Bandeira; Seffner, 2013, p. 253).

Mesmo sendo proibidos desde 2019, por recomendação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e aprovação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), e sob punição de perda de pontos e mandos de campo, os cânticos homofóbicos ainda são ouvidos dentro dos estádios brasileiros. Uma nova lei para o esporte foi aprovada no dia 9 de maio de 2023 pelo Senado brasileiro, prevendo multa de até R\$ 2 milhões para as torcidas organizadas que cometerem racismo, homofobia, machismo e xenofobia nas arquibancadas¹¹. No entanto, uma partida entre Corinthians e São Paulo foi interrompida no dia 14 de maio de 2023 (cinco dias após aprovação da nova lei contra discriminações) sob gritos homofóbicos por parte da torcida do Corinthians, na Neo Química Arena. O árbitro paralisou o jogo e o sistema sonoro do estádio pediu o fim das manifestações, mas o público reagiu de forma contrária aumentando as ofensas homofóbicas¹². Os cânticos entoados pela torcida alvinegra diziam “dessas bichas teremos que ganhar” e “vai pra cima delas Timão, da bicharada”.

Este tipo de comportamento nos jogos de futebol não é atípico e muito menos natural, pelo contrário, é autorizado. É comum, inclusive, a presença de policiais nos estádios para que quando venham a acontecer, as brigas entre torcidas sejam amenizadas. As violências proferidas são frutos de meios nos quais os sujeitos são inseridos e ensinados a seguir determinadas narrativas que se camuflam pela falsa liberdade de expressão e emoção de torcer. Em uma fala marcante, Antonio Roque Citadini, que já foi presidente do Corinthians, disse que "a igreja vai admitir gays, o Exército, mas o futebol será o último" (Bandeira; Seffner, 2013, p. 258). A reflexão sobre a fala de Citadini nos leva a crer que o caminho para acabar com a homofobia no futebol é longo e repleto de simbologias, o que culmina a legitimação da violência por meio de “[...] códigos particulares que permitem que diferentes ações executadas nesse local não sofram os mesmos interditos de outros espaços do cotidiano” (Bandeira; Seffner, 2013, p.254).

Os cânticos homofóbicos também funcionam como pedagogia e propagandas do discurso de ódio nos estádios brasileiros. É o que afirmam Machado e Mendonça (2021), em

¹¹Matéria do jornal G1, publicada no dia 9 de maio de 2023, disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/09/nova-lei-do-esporte-senado-aprova-multa-de-ate-r-2-milhoes-para-racismo-e-homofobia-em-estadio.ghtml>

¹²Reportagem do jornal CNN, divulgada no dia 14 de maio de 2023, disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/gritos-homofobicos-da-torcida-do-corinthians-interromperam-classico-clubes-pode-ser-punido/#:~:text=Desde%202019%2C%20uma%20recomenda%C3%A7%C3%A3o%20da,do%20dobro%2C%20em%20caso%20de%20reincid%C3%Aancia.>

artigo sobre cantos homofóbicos de torcidas de futebol, entendendo-os como critérios para tornarem públicos certos valores morais, bem como propagar ideias e construir narrativas com o objetivo de destilar violências, desmoralizando determinados grupos de pessoas por meio da comunicação de massas. A mensagem homofóbica elaborada e emitida por este meio, portanto, é pensada para substituir o que seria um crime “mais grave”, como por exemplo, a agressão física ou o assassinato de um homossexual. O conflito e as disputas discursivas entre os modos possíveis de expressão das masculinidades (Connell, 2003) acontecem de modo simbólico e posteriormente material, com a fisiologia dos corpos e são, então, estratégias enunciativas que tem como propósito controlar e hierarquizar estes corpos, determinando, também, os espaços onde são permitidos.

Se pensarmos na construção das relações íntimas entre os profissionais do futebol, por exemplo, esta lógica de masculinidade padronizada se contradiz. A ambiência futebolística é um dos poucos espaços em que se nota a troca de afetividades entre homens, pois é característica das práticas corporais dos atletas de futebol, a manifestação de determinados gestos e comportamentos nas comemorações. As encaradas, os abraços e beijos trocados entre jogadores, comissários e torcedores são proporcionados por corpos despídos, dotados de músculos e marcados pela virilidade. Desse modo, transgridem a masculinidade hegemônica treinada neste ambiente (Bandeira; Seffner, 2013, p. 269).

3. As disputas de sentido em redes digitais

Igor Junio Benevenuto de Oliveira é um árbitro brasileiro da modalidade masculina de futebol. Nascido no estado de Minas Gerais, o juiz completa 43 anos de idade em 2023 e já soma 23 anos de carreira no futebol. Igor Benevenuto também ficou conhecido por suas atuações fora do campo, como enfermeiro e voluntário em hospitais da capital mineira, além de ter atuado como assessor parlamentar na câmara municipal de Belo Horizonte. Hoje, o árbitro concentra suas atividades no futebol e integra tanto a Federação Mineira de árbitros quanto o quadro da FIFA.¹³

Em entrevista ao podcast “Nos Armários dos Vestiários”, do Globo Esporte, Igor declarou que já sofreu com a depressão e viveu momentos de angústia antes de revelar publicamente a sua sexualidade. O podcast dos repórteres Joanna de Assis e William de Lucca é produzido pela Feel The Match e veiculado em plataformas como Spotify e YouTube. O episódio “O Sindicato”, em que a conversa com Igor Junio Benevenuto aconteceu, foi publicado no dia 8 de julho de 2022, pelo GE. Perguntado sobre sua relação com o jogo, contou que cresceu odiando o futebol, pelas relações hostis, preconceituosas e machistas que presenciou dentro do esporte. Benevenuto também explicou que precisou criar um personagem para se camuflar e sobreviver no ambiente futebolístico, pois sabia que só assim seria possível manter seus vínculos e amizades. A forma que encontrou de esconder sua sexualidade foi virando árbitro e, depois de se assumir, Igor relata ter sido alvo de ataques de dirigentes e comissões de diversos clubes durante sua carreira.

O objetivo do podcast é investigar a homofobia no futebol mergulhando nas questões que perpassam o dia a dia dos profissionais, como a falta de representatividade e as violências sofridas por homossexuais. Neste episódio, o podcast também abordou a figura de outros quatro árbitros, desta vez, personagens da história do futebol que já haviam ultrapassado as barreiras do preconceito no esporte. Armando Marques foi o pioneiro, convivia com os rumores sobre a sua sexualidade na década de 1960 mesmo nunca tendo falado abertamente sobre o assunto. Revolucionou a forma de apitar impressionando a todos pelo seu preparo físico de alto nível e

¹³ Reportagem da ESPN, publicada no dia 10 de julho de 2022, disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/brasileirao/artigo/_id/10621414/primeiro-arbitro-fifa-declarar-gay-igor-junio-benevenuto-superou-depressao-revela-chorou-historia-richarlyson

pelos trejeitos sempre delicados e elegantes, característica pouco vista entre os profissionais do futebol. Depois de Armando, nomes como o de Jorge Emiliano dos Santos, conhecido como “Margarida”, Paulino Rodrigues, conhecido como “Borboleta”, e Walter Senra, conhecido como “Bianca”, surgiram como figuras importantes entre as décadas de 1980 e 1990. O primeiro a se declarar homossexual foi Jorge Emiliano, para o Jornal dos Esportes em 1988, quando apitava o Campeonato Carioca, logo após iniciar sua carreira como profissional. O trio de árbitros abriu portas para “O Sindicato”, um grupo de árbitros que se declararam homossexuais naquele tempo.¹⁴

A violência do dia a dia, em uma época onde a homossexualidade ainda era duramente condenada, se manifestava com veemência no futebol, perseguindo os três árbitros após se confirmarem os rumores de que eram homossexuais. Paulino Rodrigues chegou a perder dois dentes após receber vários socos dos jogadores do Campo Grande na derrota por 2 a 0 para o Vasco em 1992. Em 1990 teve uma arma apontada para sua cabeça por um torcedor do América, que não se conformava com a derrota por 3 a 2 para o Fluminense, em Três Rios. A história dos três juízes ficou registrada no livro “Parada Dura: Memórias de um Juiz Gay do Futebol Carioca”, escrito pelos jornalistas Anna Davies e Carlos Nobre¹⁵.

A virada de chave no que parecia ser uma abertura para aceitação dos gays no futebol veio com a militarização da arbitragem, que mudou o paradigma dos comportamentos em campo. Em entrevista ao podcast, Paulino Rodrigues contou que o preconceito começou dentro da Comissão Nacional da Arbitragem, dirigida por Armando Marques, com as famosas “geladeiras” (termo usado quando algum juiz era afastado dos gramados). Após as grandes atuações nas partidas dos campeonatos Carioca e Brasileiro, o trio de juízes foi convocado para integrar o grupo de árbitros da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), mas a pressão dos clubes e dirigentes, movida pela homofobia, culminou no desligamento dos árbitros do Sindicato. Jorge Emiliano, o “Margarida”, foi o principal alvo dos esquemas de arbitragem, sendo afastado da CBF primeiro e, posteriormente em 1994, da Comissão Estadual de Árbitros do Rio de Janeiro.

Sob o pressuposto de que a arbitragem brasileira precisava de uma “moralização”, por causa da presença de homossexuais no futebol, o coronel Áulio Nazareno assumiu a comissão de árbitros da federação do Rio de Janeiro. O discurso adotado, então, mudou a forma de

¹⁴Matéria do portal de notícias “Mais que um jogo”, atualizada em 4 de outubro de 2020, disponível em: <https://maisqueumjogo.com.br/futebol-brasileiro/mqj-memoria-margarida-o-arbitro-mais-alegre-do-futebol-brasileiro/>

¹⁵Reportagem do site Gay 1, publicada em novembro de 2012, disponível em: <https://gay1.com.br/2012/11/borboleta-margarida-e-bianca-trajetoria-de-arbitros-gays-e-contada-em-livro.html>

conduta das instituições de futebol, implementando políticas rígidas de comportamento aos árbitros para apitar os jogos no Brasil. O quadro de juízes passou a ser composto por militares e policiais treinados e a representatividade homossexual na arbitragem brasileira foi ao declínio¹⁶. Ao se assumir gay nos dias atuais, após consolidação dessa herança militar no meio futebolístico, a iniciativa de Igor Junio Benevenuto mostra-se desafiadora. Apesar de estar à frente do tempo em relação aos árbitros homossexuais do Sindicato e contar com recursos sociais e jurídicos mais rígidos no enfrentamento de preconceitos, Benevenuto explicou que ainda é atacado por conta da sua sexualidade. Em suas palavras: “99% dos gays no futebol estão no armário”. Portanto, é no sentido de entender como a homofobia é verbalizada e estruturada como código de atuação da heteronormatividade no futebol, que a análise dos comentários se concentrará.

Retomando a base metodológica da pesquisa, é necessário lembrar que a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014), que será utilizada a seguir, no capítulo 3 desse trabalho, funciona como ferramenta para entender a conversação entre usuários de redes sociais (Recuero, 2014) percebida na publicação referente à saída de armário do juiz Igor Junio Benevenuto. O procedimento metodológico escolhido perpassará, então, de modo exploratório e qualitativo, as características de cada comentário e, simultaneamente, de cada constelação de sentido proposta. Em vista disso, com o intuito de compreender a formação do perfil e do comportamento expressado pelo público consumidor de futebol presente no Instagram, optou-se pela seleção de comentários mais significativos e representativos, do ponto de vista da produção de sentidos e das disputas de narrativas atravessados pelas mais diversas falas.

Levando em consideração a grande quantidade de comentários gerados pela publicação do Globo Esporte no Instagram, no total de 1.001, foram selecionados 70 comentários de usuários para análise. Os 1.001 comentários foram observados e separados previamente para que, depois, pudessem ser classificados conforme sua importância para a discussão desenvolvida nesse trabalho. Logo, será possível notar, em escala crescente e em sequência, que os comentários escolhidos são organizados do seguinte modo: (1) descreve-se o texto do comentário dentro da categoria em que ele se encaixa, (2) enumera-se o comentário e, por conseguinte, (3) explica-se o sentido produzido pelo comentário acionando os conceitos e teorias trazidos durante a explanação da pesquisa.

¹⁶Podcast “Nos Armários dos Vestiários”, veiculado pelo Globo no Spotify, em julho de 2022, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6JawEGQ5dzBYPyJjokB2kI>

Dessa maneira, foram notadas e definidas três grandes categorias, nas quais os comentários, pela natureza do que carregam, se encaixam. São elas: *Futebol não é lugar de bicha*, *Preconceito duplo* e *Representatividade importa*. A primeira constelação de sentido contém 54 comentários, o que significa aproximadamente 77,1 % do total de 70 comentários analisados. A porcentagem maior percebida na primeira constelação de sentido acontece por três motivos: *Futebol não é lugar de bicha* é a mais carregada dos sentidos que dizem sobre a forma como a comunidade futebolística trata a homossexualidade; esta carga se manifesta em comentários que são entendidos como homofóbicos; o preconceito contra gays, então, é possível de ser quantificado uma vez que ele aparece mais vezes em forma de comentário na publicação do que outras falas que carregam outros significados. A segunda constelação de sentido é marcada por duas violências ao mesmo tempo, que aparecem nessa análise em oito comentários escolhidos de acordo com o padrão deste tipo específico de fala notado entre as 1.001 postadas na página do GE. Os comentários de *Preconceito duplo* compreendem aproximadamente 11,4 % do total de 70 comentários analisados. Por fim, *Representatividade importa*, terceira constelação de sentido, é caracterizada por um discurso contrário aos defendidos pelas duas constelações anteriores. Ela tem, também, oito comentários, com a mesma porcentagem aproximada de 11,4 % do total de 70 falas selecionadas para análise.

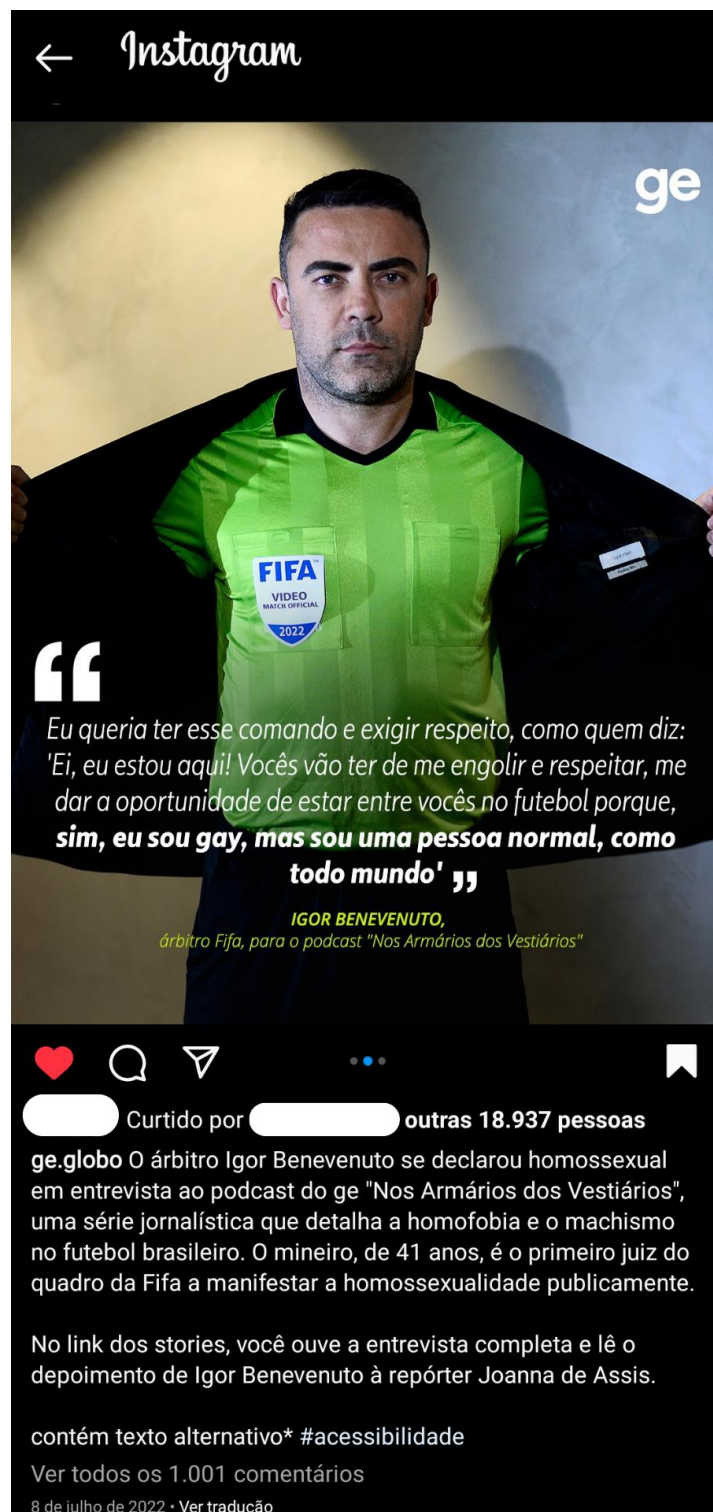
Também é importante entender, diante da complexidade de cada comentário, que alguns deles apresentam sentidos muito particulares, logo, poderiam ser analisados de modo individual ou mesmo se enquadrarem em mais de uma categoria. No entanto, para que se compreenda como se dá a construção e o caráter das afirmações expressadas pelos usuários, opta-se por alocar as falas de acordo com o sentido geral produzido quando são pensadas juntas. A intenção, com este movimento, é entender a capacidade de influência em massa que determinadas opiniões ditas pelos usuários têm para a consolidação de algumas lógicas que funcionam no meio futebolístico. Essas narrativas constroem o pensamento e ditam as regras sociais e comportamentais que devem ser seguidas de modo individual e coletivo por esse público consumidor de futebol. Portanto, adiantando as discussões mobilizadas pela análise da pesquisa, as lógicas citadas serão observadas pelos sentidos hegemônicos que produzem. Seguem, abaixo, capturas de tela feitas via celular para melhor compreensão de como as interações acontecem na plataforma digital Instagram.

Captura de tela da imagem 1 utilizada na publicação, realizada no dia 20 de março de 2023



Fonte: Globo Esporte/Instagram

Captura de tela da imagem 2 utilizada na publicação, realizada no dia 20 de março de 2023



Fonte: Globo Esporte/Instagram

Captura de tela da imagem 3 utilizada na publicação, realizada no dia 20 de março de 2023



← Instagram

ge

“
Devo tudo o que tenho à arbitragem, mas paguei um preço muito alto por isso.
Eu quero me libertar dessa prisão. Quero apitar em paz, quero que as ofensas sejam punidas
”

IGOR BENEVENUTO,
árbitro Fifa, para o podcast
"Nos Armários dos Vestiários"

♥️ 💬 📌

Curtido por [redacted] outras **18.937** pessoas

ge.globo O árbitro Igor Benevenuto se declarou homossexual em entrevista ao podcast do ge "Nos Armários dos Vestiários", uma série jornalística que detalha a homofobia e o machismo no futebol brasileiro. O mineiro, de 41 anos, é o primeiro juiz do quadro da Fifa a manifestar a homossexualidade publicamente.

No link dos stories, você ouve a entrevista completa e lê o depoimento de Igor Benevenuto à repórter Joanna de Assis.

contém texto alternativo* #acessibilidade

Ver todos os 1.001 comentários

8 de julho de 2022 · Ver tradução

Fonte: Globo Esporte/Instagram

3.1 Futebol não é lugar de bicha

Os comentários analisados nesta categoria dizem respeito à insatisfação de um público específico do futebol com a presença de homossexuais no esporte. O perfil dos espectadores nesta categoria é, sobretudo, de homens, o que faz com que a narrativa se concentre na defesa de um conservadorismo exacerbado voltado para a defesa dos padrões de comportamento masculinos. O sentido universal produzido pelas declarações e expressões desses sujeitos é de ódio aos gays e às ações do árbitro que está revelando sua sexualidade na publicação. Alguns comentários se repetem na postagem, criando um padrão de xingamentos e ofensas. Dentro desta categoria específica, mas hegemônica - em que a discriminação contra gays no futebol é explícita - há, também, diferentes formas de expressar a homofobia. Por exemplo, opiniões sobre o comportamento dos árbitros e cobranças em relação à forma como eles têm conduzido as partidas, que dizem sobre a pressão psicológica que o futebol cria sobre seus profissionais; a indiferença e a irritação com a veiculação de notícias como esta nas grandes mídias, gerando impaciência naqueles que apenas buscam por informações referentes ao jogo dentro das quatro linhas do campo; além dos comentários em que se notam xingamentos bem direcionados, com ofensas, palavrões e expressões de raiva ou nojo, sem margem para outra interpretação que não o da homofobia declarada desses indivíduos.

Mano, apitar o jogo de forma correta é o que queremos! Isso faz parte do esporte!
(COMENTÁRIO 1)

Xingamento sempre teve sempre vai ter no futebol. (COMENTÁRIO 2)

Acabar as ofensas no futebol, melhor acabar com o futebol logo! (COMENTÁRIO 3)

Pq foi pro futebol então? (COMENTÁRIO 4)

Deveria ter mudado de ambiente, é muito mimimi. (COMENTÁRIO 5)

Mano, apitar o jogo de forma correta e o que queremos!! não queremos saber de mais nada!! e acostume como o futebol funciona tradicionalmente, xingamentos pressão e tal!! isso faz parte do esporte!! (COMENTÁRIO 6)

Xingamento sempre teve e sempre vai ter no futebol é isso deveria ir jogar tênis ou golfe lá não tem isso (COMENTÁRIO 7)

Se não quer ser xingado, procure outra profissão, ninguém tem nada haver com que vc é fora de campo, dentro de campo a pressão existe, não venha querer esconder o pessimo árbitro que vc é, homem mulher todos tem seu espaço no futebol, mas o futebol existe em sua essência, não venham querer adaptar o futebol pra que egos sejam preenchidos (COMENTÁRIO 8)

É só largar o futebol que todos nós ficaremos felizes (COMENTÁRIO 9)

Tá de sacanagem mano, ta acabando com o futebol mesmo (COMENTÁRIO 10)

Os dez comentários descritos acima constroem sentidos similares sobre o que a revelação de Igor Benevenuto causa nestes usuários. Há não só a intenção de fazer com que a revelação da homossexualidade passe despercebida ou seja tratada com insignificância, como também, a necessidade de defender um padrão do modo de torcer e se manifestar entre torcedores e profissionais. O que se percebe, portanto, é que a cultura do xingamento no futebol muitas vezes legitima e estimula violências. O autor do comentário 3 manifesta que é mais fácil acabar com a prática do futebol, do que eliminar as ofensas, pois não é possível que o esporte exista sem elas. Um pensamento como este nos convoca a refletir que um ambiente tóxico no âmbito futebolístico é não só uma característica, mas um pré-requisito para as práticas de jogar e torcer. A pessoa responsável pelo comentário 8 também chega a sugerir que Igor Benevenuto mude de profissão, sob a justificativa de que o juiz revelar sua sexualidade é uma tentativa de mascarar sua conduta como profissional, que o autor da fala descreve como “péssima”. O indivíduo que escreveu o comentário 9 pede que o juiz de futebol deixe a profissão para que os torcedores sejam, então, felizes. Sendo assim, caberia àqueles personagens criticados ou ofendidos, se adaptarem ao *modus operandi*¹⁷ da cobrança dentro do futebol.

Diferentemente da dezena de comentários já apresentados, as próximas falas (comentários 11, 12, 13, 14 e 15) adotam posturas mais agressivas e tutelares no que diz respeito a revelação da homossexualidade nessa ambiência, considerando que vem de um profissional que ocupa uma posição de poder dentro do esporte. Como se Igor Benevenuto, por exemplo, não “precisasse” dizer sua sexualidade, mas ao fazê-lo e revelar-se gay, traísse a norma heterossexual do meio. Dizer que ninguém precisa saber sobre a orientação sexual de Igor ou que ao revelar-se gay o árbitro, juntamente a outros que assumem sua sexualidade,

¹⁷Expressão do latim que significa o modo pelo qual indivíduos ou organizações desenvolvem suas atividades.

estariam buscando holofotes no meio digital ou algum tipo de notoriedade midiática, como ditos nos comentários 16, 17, 18 e 19, é comum daqueles que adotam o discurso de que homossexuais devem permanecer no armário (Sedgwick, 1993). Esta narrativa é ancorada nas condutas da heteronormatividade (Warner, 1991), responsável por descaracterizar a homossexualidade, em troca de que se imponha a heterossexualidade.

Nossa que bosta em? Mudou o mundo essa informação. Nada contra mas quem precisa saber?? (COMENTÁRIO 11)

Pronto, precisou anunciar pra todo mundo. (COMENTÁRIO 12)

Q me interessa se ele dá o c...?? (COMENTÁRIO 13)

Ele quer dá o brioco dele e eu tenho que ficar sendo informado é? (COMENTÁRIO 14)

Cada um c seus problemas (COMENTÁRIO 15)

Todo mundo que quer aparecer na mídia diz que é gay, que coisa chata. (COMENTÁRIO 16)

Toda hora isso, que chatice! (COMENTÁRIO 17)

Mais um querendo se aparecer (COMENTÁRIO 18)

Esse quer notícia (COMENTÁRIO 19)

Há de se pensar, ainda, que essa “indiferença” expressada pelos usuários nos comentários acima é uma das formas de fazer com que a homossexualidade permaneça em segundo plano. Dizer que a informação de um árbitro FIFA nacionalmente reconhecido pelo seu trabalho e que se assume homossexual, não é importante ou “não muda o mundo”, como dito pelo indivíduo do comentário 11, é uma estratégia que busca enfraquecer a representatividade da comunidade LGBTQIAPN + em espaços como o do futebol, onde há pouca margem para debate sobre as questões envolvendo sexualidades. Percebe-se, para além e em concomitância com essas reflexões, uma crítica à mídia e ao jornalismo esportivo,

reveladores e veiculadores de um tema sensível à opinião pública. Os comentários de número 20, 21, 22 e 23, descritos logo abaixo, são exemplos de como as discussões sobre preconceito no futebol, mobilizadas especialmente pela imprensa esportiva, têm causado inquietação entre o público consumidor desse esporte. Dessarte, a escolha por levantar pautas voltadas para presença de pessoas não hétero no futebol desperta a ira dos homofóbicos, que provocam constantes ataques a diversos veículos e profissionais de comunicação. O primeiro comentário ataca o Globo Esporte, jornal veiculador do podcast em que Igor Benevenuto se assumiu gay, pertencente ao conglomerado de mídias do Grupo Globo. Já o segundo comentário utiliza uma expressão que, por meio do jogo de palavras, associa o nome da emissora Globo a um excremento, palavra de baixo calão usada para xingamentos quando não se aprova o que está sendo dito.

Aí ai ai viu, vcs do GE e Globo aff 🤢🤢 para q cada dia mais feio
(COMENTÁRIO 20)

😂😂😂😂😂 aaaaaa mais a globosta gosta de fazer pouco pra isso viu lacração
vc só ver aqui 🤢🤢🤢🤢🤢🤢(COMENTÁRIO 21)

Certamente já estar contratado pelo grupo Globo 😂 (COMENTÁRIO 22)

Mais um pra completar o quadro da Globo 😂 (COMENTÁRIO 23)

Fazendo um movimento diferente do tratamento de “indiferença” dado à revelação da homossexualidade de Igor Benevenuto, os comentários dispostos a seguir se utilizam do mecanismo da sátira e da ironia para cometer homofobia.

Esse gosta de bota o apito na boca 😂 (COMENTÁRIO 23)

Não basta chutar as bolas agora tem que chupar também (COMENTÁRIO 24)

Agora todo mundo qr sair do armario 😂😂 (COMENTÁRIO 25)

Resolveu sair TD mundo do armário agora kkkk (COMENTÁRIO 26)

Agora vai aparecer viado de tudo quanto é lugar pqp 😂😂 (COMENTÁRIO 27)

O inferno tá cheio 😂😂😂 (COMENTÁRIO 28)

HAHAHHAHAHAHHAHA (COMENTÁRIO 29)

Inferiorizar a causa LGBTQIAPN + por meio da satirização é um comportamento característico da necessidade de diferenciação entre indivíduos heterossexuais e não heterossexuais, algo já discutido no capítulo teórico deste trabalho a partir das ideias de Daniel Borrillo, 2010. Os comentários de número 23 e 24 ironizam as práticas sexuais entre homens fazendo analogias aos instrumentos de trabalho utilizados pelos árbitros no campo de futebol. O primeiro, ao dizer que Igor Benevenuto gostaria de ter um apito em sua boca, está se referindo não somente ao objeto que ele usa para sinalizar os comandos aos jogadores, mas sugere e compara o apito ao órgão genital masculino. O segundo usuário utiliza duas palavras com sentidos diferentes, mas que quando são colocadas juntas em uma frase, produzem um tipo de sarcasmo. Apesar de os árbitros não chutarem as bolas em uma partida de futebol, o indivíduo responsável pelo comentário pretende, com este jogo de palavras, também se referir a uma prática sexual comum entre homens gays. Os comentários 25, 26 e 27 não fazem menção a intimidades praticadas pelos homossexuais, mas brincam com a revelação da sexualidade, alegando que, no contexto atual, todos querem romper com os estigmas e “sair do armário”, tendo como base a popularidade que os assuntos envolvendo as novas sexualidades tomaram as rodas de conversa na modernidade. A fala de número 28 é uma sátira de cunho religioso, que se refere às citações e discursos os quais destinam um lugar (no caso do cristianismo, o inferno) a pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo. O último comentário neste nicho é nada mais que uma risada, uma das formas de invalidar o conteúdo da publicação.

Muitos são, também, os comentários intencionados a minimizar e/ou invalidar a causa homossexual de forma geral. A característica desse discurso é notada na repetição de algumas palavras e jargões ditos por homofóbicos para enfraquecer os argumentos utilizados pelos movimentos LGBTQIAPN +, feministas e até mesmo dos negros, baseados em dados e estatísticas, sobre o preconceito e as violências diárias sofridas por estas pessoas. Dizer, portanto, que as revelações e reivindicações da população homossexual são “lacrção”, “mimimi” ou “vitimismo”, como exemplificado pelos comentários abaixo, é uma das formas de tentar frear as transformações decorrentes do diálogo e da conquista de direitos por parte destes grupos minoritários. No Brasil, especificamente, no período de publicação da notícia, estes termos eram (e continuam a ser) ferramentas de opressão de grupos políticos de direita, que ganharam força durante o governo de Jair Messias Bolsonaro, entre os anos de 2018 e

2022. Segue, abaixo, listagem de alguns exemplos de comentários ancorados neste modelo de narrativa homofóbica.

Todo mundo agora quer lacrar bom esse negócio de gay ou de Negro, idiotice da poxa, negro branco índio todo mundo e a mesma porra, se tu que dá seu furico fique a vontade, agora fica em um mimimi do krlh mermão tnc 🙄😏 (COMENTÁRIO 30)

Oh lacração chata do CARLH** (COMENTÁRIO 31)

Quanto vitimismo (COMENTÁRIO 32)

A mimimi do caralho (COMENTÁRIO 33)

Blá blá blá blá blá (COMENTÁRIO 34)

O poodcast da lacração! (COMENTÁRIO 35)

+um pra lacração agora (COMENTÁRIO 36)

Neste momento de análise e separação de comentários, notou-se, também, o excessivo uso de palavrões e ofensas dentro das afirmações. Palavras e frases como “verme”, “porra”, “caralho” e “vai tomar no cu” foram escolhidas por diversos indivíduos. Este tipo de expressão denota o sentimento de raiva e insatisfação dos espectadores dessa categoria ao tratar sobre o assunto da homossexualidade, uma vez que os palavrões são estratégias linguísticas que ajudam a traduzir a intensidade de emoções negativas em poucas letras e frases curtas. O desejo de transmitir este descontentamento é, principalmente no futebol, quase sempre acompanhado por expressões verbais e gestuais violentas. Dessa maneira, alguns comentários expostos abaixo, mesmo que em alguns casos palavrões estejam ausentes, são auto explicativos e se caracterizam pelo modo agressivo com que se direcionam tanto a Igor Benevenuto quanto aos demais homossexuais, por via de regra.

Foda-se (COMENTÁRIO 37)

Fosdass 👍 (COMENTÁRIO 38)

Tem que se foder mesmo (COMENTÁRIO 39)

Não pode nem mandar tomar no cu (COMENTÁRIO 40)

Que palhaçada (COMENTÁRIO 41)

Só mais um verme (COMENTÁRIO 42)

Se a torcida gritar: EI juiz vai tomar no c*

Ele vai gostar 🙌 vamos ter que arrumar outra forma de xingar ele (COMENTÁRIO 43)

A narrativa adotada aqui, por estes usuários, leva os ataques a Igor Benevenuto e a comunidade gay a um nível elevado, onde fazem-se necessárias as discussões sobre a segurança, inclusive física, da população LGBTQIAPN + inserida no meio futebolístico. As agressões (verbais ou físicas) são o penúltimo estágio de uma sistematização da homofobia na sociedade, pois perante o tratamento dado a estes grupos na história da humanidade, além dos dados e estatísticas sobre mortes de pessoas homossexuais, apresentados neste trabalho, é sabido que estes são vítimas constantes de homicídios e extermínios.

Também foi possível observar um outro tipo de ideal fabricado para a manutenção da heteronormatividade, que tem fundamentos respaldados nas religiões, principalmente aquelas que condenam relações entre homossexuais ou quaisquer outros comportamentos desviantes da norma heterossexual. Justificar o preconceito contra homossexuais com base em um discurso religioso foi mais uma estratégia de dominação percebida ao analisar os comentários em rede da publicação sobre o árbitro. O autor do comentário 44 segue esta linha, sugerindo que “Deus” (conceito de ser supremo presente em religiões monoteístas) poderia estar descontente com a revelação de Igor Benevenuto. Afirmar que o mundo está "virado" e "perdido", como visto nos comentários 45 e 46, é um entendimento por parte desses usuários de que a ordem social baseada em determinados valores e determinados conceitos de moralidade, que regem as sociedades, está desconfigurada. Dizer, no entanto, que essa desordem é causada por conta da presença cada vez mais expressiva de homossexuais no mundo, é uma das formas com que a heteronormatividade ancora seus preconceitos.

Resta saber se Deus está feliz com vc (COMENTÁRIO 44)

O mundo tá perdido. Vai apitar frescobol? (COMENTÁRIO 45)

O mundo está virado (COMENTÁRIO 46)

O último sentido percebido nos comentários desta categoria é, talvez, aquele que mais apresenta variações de falas e expressões sobre a revelação do juiz de futebol. Pelo fato de a postagem veicular cortes de frases marcantes ditas por Igor Benevenuto ao ser entrevistado no podcast, é comum que o sentido de alguns comentários se manifeste por meio de uma resposta às afirmações ditas pelo árbitro. Como num diálogo, os usuários responsáveis pelos comentários abaixo dizem sobre coisas específicas, que fora do contexto das falas de Igor, estampadas na imagem da publicação, não fazem sentido para quem os lê sem a compreensão do contexto.

No futebol vale tudo, só não vale dá o cú. Gil, Ex-Cruzeiro (COMENTÁRIO 47)

Respeito se conquista, não se impõe. Ser gay tudo bem mas as pessoas terem que engolir isso não. Algumas pessoas te o direito de não gostar de Gays, o que elas não tem o direito de m@chucar ou ofender. Sucesso no seu trabalho (COMENTÁRIO 48)

O comentário de número 47 faz referência a fala do ex jogador Gil, do Cruzeiro, clube de futebol mineiro. Ao comemorar o título do campeonato estadual no ano de 2006, no Mineirão, o atleta foi abordado por um repórter de campo após ter suas roupas retiradas do corpo por torcedores invasores. Perguntado pelo jornalista de uma rádio católica, que fazia a transmissão da partida na época, se ao observar a situação, o jogador considerava que "valia tudo" no futebol, Gil respondeu que "só não vale dar o cu, mas o resto vale tudo". O repórter, ao retornar a palavra para o narrador do jogo, diz: "Ae rapaziada! Sai do trabalho e hoje tem festinha! Só não vale se esquecer da lei de Gil!"¹⁸. Isto posto, a "lei de Gil" é um exemplo de como o futebol constrói marcas e memórias coletivas para que se instaure a cultura heterossexista. A "lei" da qual o repórter se refere concerne às normas internas estabelecidas entre os agentes da ambiência criada no futebol, que, por meio das experiências acumuladas de

¹⁸Matéria sobre a fala do ex jogador de futebol Gil, veiculada no ano de 2015, disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2015/02/gil-tenta-explicar-por-que-soltou-historica-frase-nao-vale-dar-o>

vários indivíduos envolvidos no contexto, produzem padrões de comportamento responsáveis pelo fortalecimento de heranças culturais entre este público.

Já a fala 48 remete a uma das frases de Igor citadas na postagem, que diz: "Ei, eu estou aqui! Vocês vão ter que me engolir e respeitar, me dar a oportunidade de estar entre vocês no futebol porque, sim, eu sou gay, mas sou uma pessoa normal, como todo mundo". O que o usuário entende, por conseguinte, é que a imposição do árbitro como um homem gay no espaço em que ocupa, não é válida. Ao expressar de forma confusa que "ser gay tudo bem", mas que as pessoas podem ter o direito de não gostar de homossexuais, o autor da fala expressa a dificuldade de alguns indivíduos para entender que "não gostar de homossexuais" é um argumento baseado na homofobia que, inclusive, já foi criminalizada - mesmo que, em seu depoimento, Igor Benevenuto apenas tenha feito uma reivindicação mínima por respeito a sua vida pessoal, no que tange à orientação sexual que acabara de assumir, além de um pedido de respeito como um profissional da área que está sendo atacado.

Ao observar e analisar os tipos de comentários inseridos no post, foi possível perceber, dentro desta mesma categoria, uma forma diferente de expressar a homofobia. Das respostas que direcionam explicitamente o ódio e a repulsa por homossexuais, parte considerável dos espectadores escolheram se manifestar por meio dos "emojis", imagens que traduzem expressões faciais, sentimentos e emoções, e que são estratégias comunicativas muito presentes nas redes digitais. Dentre os diversos emojis disponibilizados pelos dispositivos e plataformas, os mais vistos na publicação sobre Igor Benevenuto expressam sentimentos de nojo, raiva, tédio ou desprezo. Devido a grande quantidade de comentários da postagem, que apresentam a mesma ideia, optou-se por selecionar e descrever, a nível de exemplificação para esta categoria, apenas cinco comentários de emojis com nojo, raiva, tédio ou desprezo. Entretanto, é importante ressaltar que vários outros comentários continham emojis com a mesma postura negativa em relação ao post sobre o árbitro.

 (COMENTÁRIO 49)

 (COMENTÁRIO 50)

 (COMENTÁRIO 51)

 (COMENTÁRIO 52)

 (COMENTÁRIO 53)

 (COMENTÁRIO 54)

O emoji solitário presente no comentário 49 é uma expressão que manifesta a repulsa por homossexuais, muitas vezes demonstrada pelos usuários com o perfil desta categoria. A “carinha” de nojo, como se estivesse prestes a vomitar, produz o sentido que marca a maioria dos comentários feitos em forma de emojis da postagem. Os comentários de número 50 e 51, num movimento parecido, já expressam o “vômito” propriamente dito, além de uma outra expressão do comentário 51, com a mão no rosto e a cabeça para baixo, que significa decepção ou desaprovação em relação ao assunto da matéria. O usuário responsável pelo comentário 52 também utiliza a expressão de vômito, mas, além dela, se manifesta com cara de raiva, um sinal do ódio e da intolerância aos homossexuais. O comentário 53, por sua vez, expressa três caras com os olhos revirados e a boca levemente curvada para baixo, o que pode significar impaciência ou algo que o indivíduo considera absurdo. A última expressão negativa via emoji percebida na publicação é o formato em cor marrom do que seriam as fezes (representação do ato de defecar), geralmente utilizada pelo público das redes para tirar sarro de alguma situação ou ofender alguém.

3.2 Preconceito duplo

Na segunda categoria de comentários analisada foi possível perceber que, para além da homofobia, os usuários respaldam suas falas por meio do machismo, do sexismo (Kimmel, 1998) e da misoginia, ações discriminatórias contra mulheres. O discurso errôneo de comparar gays às mulheres é mais uma das estratégias impostas pela norma heterossexual para atacar minorias e, neste caso, um ataque direcionado de gênero. A masculinidade hegemônica de Connell e Messerschmidt (2013), citada anteriormente, explica esta relação de poder estabelecida para privilegiar os homens e colocar mulheres em posição de subordinação e, posteriormente, de apagamento. No futebol, estes indivíduos justificam seus pensamentos fundamentando-se numa lógica reducionista, colocando mulheres e figuras que assumem alguma feminilidade aquém das práticas do esporte e também do consumo de seus produtos.

É característico dos comentários dessa categoria a defesa do gênero dominador em questão, que é o masculino. O que acontece, então, é a inferiorização e a ridicularização da presença de mulheres no âmbito futebolístico, a partir do reforço da heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), uma vez que a participação delas como espectadoras e atletas só veio a ser efetiva em um tempo consideravelmente distante da criação do futebol e do seu estabelecimento como instituição dentro da sociedade. A feminilidade foge das normas de comportamento dentro do esporte, já que escapar dos estereótipos da masculinidade, como a virilidade, por exemplo, é considerado um desvio das performances de gênero e sexualidade (Butler, 2003) protegidos por homens heterossexuais.

Já já a CBF vai exigir uma menina em cada time kkkkk (COMENTÁRIO 55)

Vixe agora todo mundo vai querer virar menina no futebol kkkk (COMENTÁRIO 56)

Ele que se foda, se gay tô nem aí, o bagulho é ele apita bem e não querer vira “mulher” no meio do jogo (COMENTÁRIO 57)

Futebol tá virando uma bagunça, acabou o respeito, manda esse chôla ir apitar futebol feminino 🤔🤔🤔 (COMENTÁRIO 58)

Blz. Já pode ir apitar o futebol feminino (COMENTÁRIO 59)

No que isso muda o futebol? Vão dar cartão ROSA? Estão infectando o esporte com essas OPINIÕES SEXUAIS que ninguém LIGA! Essa deveria chamar LGBT e não GE! (COMENTÁRIO 60)

Infelizmente o futebol se tornou vergonhoso os próprios vai afundando cada vez mais, virou coisa de frufuzinha,desrespeito a sociedade (COMENTÁRIO 61)

Será se ele usa calcinha? 🤔 (COMENTÁRIO 62)

O comentário 55 sugere que, ao passo que as discussões sobre representatividade e políticas de inclusão ganham notoriedade entre as instituições de futebol, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), citada pelo usuário, poderia exigir a presença de mulheres na modalidade masculina de futebol. Ao fim do comentário, o usuário também se expressa com uma risada. Já a fala 56 propõe que a revelação de Igor Benevenuto poderia influenciar homens a “se tornarem” mulheres no futebol. O raciocínio deste indivíduo é baseado em um preconceito

relacionado à identidade de gênero, no qual o discurso proferido é de que as pessoas que não se identificam com o gênero lhes atribuído ao nascer (Butler, 2003) poderiam mudar de gênero, prática condenada por protetores de discursos transfóbicos, heterossexistas e heteronormativos. O comentário de número 57 faz um movimento parecido, usa, novamente, a expressão “virar mulher” para se referir ao comportamento que Igor Benevenuto supostamente não deveria ter dentro dos jogos. Este usuário também direciona um xingamento ao árbitro e diz que não se sensibiliza com os relatos ali contados.

Os comentários 58 e 59 aconselham que o juiz de futebol vá apitar o futebol feminino, pois como discutido nas teorias de Adrienne Rich (2010) e Daniel Borrillo (2010), a heterossexualidade compulsória e a homofobia fazem, constantemente, uma relação entre mulheres e homens gays. Sendo assim, o ambiente viril do futebol masculino não poderia ser frequentado por Igor, considerado desertor dos padrões da heteronormatividade. O autor da fala 60 argumenta que o esporte está sendo “infectado” por “opiniões sexuais”, sugerindo que a presença de homossexuais no esporte poderia contaminar, de alguma forma, a heterossexualidade no espaço futebolístico. No entanto, o que chama atenção no comentário é motivo para ser enquadrado nesta categoria, diz respeito à pergunta do usuário: “Vão dar cartão ROSA?”. Esta lógica é baseada no que se atribui a cada gênero conforme se estabelece a ordem social e comportamental dos indivíduos. Na perspectiva do senso comum, fundamentado no machismo, a cor rosa é atribuída às mulheres, enquanto a cor azul seria dos homens. O usuário ainda recomenda que o Globo Esporte, jornal responsável pela veiculação da notícia, mude seu nome para “LGBT”, sigla que representa a luta de direitos de pessoas não hétero.

O texto do comentário 61 é expressado com irritação por seu autor, ao dizer que com a promoção do debate sobre sexualidade no futebol, o esporte estaria se tornando vergonhoso e desrespeitando a sociedade. Esta sociedade a qual o indivíduo se refere é embasada nos pilares que configuram o modelo das famílias tradicionais, das relações heterossexuais e da manutenção do patriarcado. A expressão “frufuzinha”, que chama atenção para o machismo do comentário, é um termo utilizado para o ataque contra a performance de gênero vista nas mulheres e, por conseguinte, adotada por indivíduos que não seguem os padrões comportamentais de virilidade impostos pela heteronormatividade. A fala de número 62, por sua vez, é uma indagação provocativa a outro atributo de gênero, uma vez que o uso de calcinhas é feito por figuras femininas.

Ao sugerirem que a revelação de Igor Benevenuto como um homem gay o tornaria algo próximo do que é ser mulher, os usuários desta categoria expressam um tipo de violência contra

a mulher veementemente combatida por movimentos feministas. Algumas correntes modernas do feminismo mobilizam discussões sobre termos como igualdade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, chamando atenção para a necessidade de diferenciação entre eles. O objetivo é que não se estabeleça relação entre as violências sofridas por cada grupo minoritário, uma vez que os gays, vítimas de uma supremacia masculina e da heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), também podem ser preconceituosos. Essas ações funcionam como aparelhos de uma ordem que sustenta a dominação patriarcal, responsável pelo machismo e a misoginia estruturais, nas quais os homossexuais estão inseridos, bem como gozam do privilégio de serem homens e exercem seu papel de gênero dentro da sociedade.

3.3 Representatividade importa

Esta categoria tensiona a ideia construída até aqui sobre as opiniões envolvendo a sexualidade no âmbito futebolístico, porque ao contrário das categorias analisadas anteriormente, é marcada pelo apoio à revelação do árbitro Igor Benevenuto como um homem gay. O que notamos nos comentários dos usuários, portanto, são manifestações que disputam sentidos (Henn, 2014) muito diferentes daqueles que se ancoram no peso negativo do discurso de ódio e da violência contra os homossexuais. Aqui, palavras como respeito, força e “todos” (no sentido de inclusão) trazem, para dentro de um ambiente outrora bombardeado de palavrões e xingamentos, reações, opiniões e argumentos positivos que tornam a discussão sobre a homossexualidade possível entre o público consumidor do esporte. O sentido geral produzido por estes comentários é, então, fundamentado no diálogo e, antes de qualquer coisa, no respeito e na compreensão do que a causa LGBTQIAPN + representa atualmente.

Já fui preconceituoso. Hoje, o que preza é o respeito. 🏳️ (COMENTÁRIO 63)

Apesar de poucas, pensando nas duas primeiras análises de comentários, as falas dessa constelação de sentido, assim como aquelas em que a homofobia é explícita, também se expressam de forma consistente e afirmativa, no sentido da defesa de um outro ponto de vista por parte dos usuários que as escreveram. O comentário de número 63 descrito acima abre a análise da categoria por expressar uma ideia recentemente vista entre os consumidores de

futebol, que seria a noção da necessidade de mudanças e da quebra de preconceitos para a manutenção do esporte de modo saudável. O indivíduo diz já ter sido preconceituoso em relação a presença de homossexuais no futebol, mas que hoje preza pelo respeito. Ainda utiliza o emoji com uma bandeira de arco-íris, ícone que se tornou um importante símbolo de orgulho, representação, luta e resistência para a população LGBTQIAPN +. Sendo assim, o que se entende da mensagem é que, apesar de já terem reproduzido os discursos e comportamentos de ódio contra gays, baseado na masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013), na heteronormatividade (Warner, 1991) e na heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), é possível reverter as normas sociais com o intuito de que a homofobia - pelo menos na esfera do futebol, que está sendo estudada aqui - acabe. Isto posto, o nome desta constelação de sentido faz alusão a importância da representatividade e da existência de diferentes corpos para os avanços e transformações no âmbito futebolístico.

Seja você e isso te dará forças para enfrentar os idiotas de plantão 🏳️
(COMENTÁRIO 64)

Que ele seja feliz. 👍👏 (COMENTÁRIO 65)

Futebol é para todos. ❤️ (COMENTÁRIO 66)

Futebol é de todos. Baita atitude 🤝 (COMENTÁRIO 67)

Que sirva de encorajamento pra tantos outros 🤝🤝🤝 (COMENTÁRIO 68)

Que podcast mais necessário ❤️ (COMENTÁRIO 69)

O posicionamento dele é deveras importante, em um espaço marcado pelo machismo, preconceito, racismo, discriminação. Respeito é essencial e precisa ser estimulado. Pena que ainda tem muita gente tosca, que leva para os estádios sua cultura atrasada, de um período quase colonial. Mas, por outro lado, há pessoas de muito bom senso e evoluídas, como se pode ver em muitos comentários cuja base se faz pelo respeito (COMENTÁRIO 70)

A nível de comparação, com o intuito de entender os sentidos produzidos por cada constelação de sentido, esta categoria é a única em que se notou a presença de mulheres nos comentários selecionados da publicação. Esta observação é válida não com a intenção de quantificar o número de comentários feitos por homens e o número de comentários feitos por mulheres, mas com o objetivo de refletir sobre qual é o perfil dos usuários habituados a

comentar as postagens esportivas quando estas remetem aos temas envolvendo sexualidades. O comentário 64, por exemplo, é feito por uma mulher, a qual escreve para que o árbitro Igor Benevenuto continue sendo ele mesmo sem medo de represálias. A usuária incentiva que o juiz não desista de lutar contra o discurso dos homofóbicos responsáveis pelos ataques a ele, se referindo a esses indivíduos como “idiotas”. Além do texto, o comentário contém um emoji de fogo, geralmente utilizado para representar a intensidade ou emoção sobre alguma coisa. Num movimento parecido, o usuário do comentário 65, em uma fala curta, deseja que o árbitro seja feliz, utilizando também os recursos dos emojis de polegar para cima (em sinal de afirmação/aprovação) e de aplausos (usado para expressar felicidade ou comemoração sobre algo).

Aproximando-se dessa perspectiva, - em que as transformações decorrentes da garantia de direitos e tratamento igualitário entre homens e mulheres, exigem a participação cada vez mais ativa das mulheres nas discussões bem como em cargos profissionais dentro do futebol - as falas 66 e 67 ampliam os horizontes da inclusão para outros grupos minoritários. O autor do comentário 66 diz que o futebol é “para todos”, o que rompe com os estigmas excludentes baseados na cultura do machismo e da heteronormatividade (Warner, 1991). O texto do comentário 67 é muito similar, diz, novamente, que o futebol é de todos, além de elogiar, com um emoji de aplausos, a atitude de Igor Benevenuto por revelar sua homossexualidade. Portanto, o que ambos querem expressar com seus comentários corresponde às mudanças graduais vistas em instituições sociais como a do futebol, marcadas por herança da masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013) que invalidam a opinião de mulheres e pessoas não hétero no âmbito esportivo.

O comentário de número 68, por sua vez, é carregado de um certo estímulo à revelação da homossexualidade de outros indivíduos que possam a vir se identificar com a história contada por Igor Benevenuto. A palavra usada pelo usuário é encorajamento, que diz sobre a importância de que profissionais com a visibilidade de Igor assumam sua sexualidade, pois assim incentivariam que outros homens do meio também saíssem do armário. O texto ainda vem acompanhado de um emoji em forma de aplausos, já explicado aqui como a representação de uma expressão positiva à publicação. Já o comentário 69, que vem acompanhado do emoji de um coração vermelho (utilizado com o intuito de expressar amor/afeto sobre alguma coisa ou alguém), é um elogio ao produto do jornal Globo Esporte, o podcast “Nos Armários dos Vestiários”, para quem Igor Benevenuto concedeu entrevista. Ao dizer que o podcast é “necessário”, a autora do comentário transmite a ideia de que não há mais espaço para homofobia no futebol (tema abordado no episódio em que Igor relatou suas experiências).

Sendo assim, o sentido produzido pelos comentários deste público específico é exclusivamente de apoio, respeito e empatia à presença de homossexuais no futebol.

O texto do comentário 70 é extenso, se comparado aos outros comentários descritos nesta constelação de sentido. O autor da fala se utiliza de termos muito comentados entre as discussões pautadas pela população LGBTQIAPN +, pelas mulheres e pelas pessoas negras para definir as violências sofridas, como “preconceito” e “machismo”, além de citar o racismo e a discriminação. O sentido que se produz a partir disso, então, coloca em xeque a manutenção dos modelos heteronormativos de comportamento observados entre o público hegemônico de homens na ambiência futebolística. Ele também diz que o respeito é essencial e deve ser estimulado entre as pessoas. Percebe-se, para além na noção do que acontece com os homossexuais inseridos no meio do futebol, que o autor da fala observa, reflete e compreende a problemática representada pela maioria dos comentários odiosos presentes na postagem, quando diz “Pena que ainda tem muita gente tosca, que leva para os estádios sua cultura atrasada, de um período quase colonial”. Em seguida, o usuário aponta para as perspectivas contrárias que detectou nos comentários da publicação, que expressam reações positivas em relação ao caso do juiz e à causa gay de modo geral. Por fim, ele destaca estas falas como “evoluídas”, no sentido dos avanços quanto à representatividade gay, chamando atenção para os comentários, que ele entende como bem estruturados a partir do respeito.

Assim como na constelação de sentido “*Futebol não é lugar de bicha*”, os usuários enquadrados nesta categoria de comentários encontraram, nos emojis, um modo diferente de manifestar o seu apoio a Igor Benevenuto e ao conteúdo divulgado pelo Globo Esporte. A nível de qualificação, exemplificação e comparação entre os comentários homofóbicos e misóginos vistos nas duas primeiras constelações de sentido e os comentários de suporte, desta constelação, foi possível observar que: dos 1001 comentários totais lidos na postagem da página, 55 deles foram escritos exclusivamente em forma de emoji de aplausos (👏), com variações de repetição e sem a presença de quaisquer outras letras e palavras. Isso significa que outros 55 usuários, além dos trazidos nesta categoria de sentido, compartilham o mesmo sentimento de euforia e apoio ao conteúdo visto na publicação.

Considerações finais

Para finalizar, é importante recobrar-se aos objetivos estabelecidos no início deste trabalho, ainda pensando nas reflexões que seriam mobilizadas para a compreensão do discurso homofóbico no futebol brasileiro. Primeiramente, regressando ao objetivo geral, proposto a partir da análise dos 70 comentários selecionados na publicação do Globo Esporte no Instagram, sobre os sentidos que se formam em torno da homofobia, das masculinidades e do futebol. Nesta perspectiva, a conclusão é de que os comentários analisados produzem significados que descrevem (com palavras e expressões) e evidenciam a operacionalização da homofobia, analisada neste estudo com base nos conceitos em torno de uma masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013), da heteronormatividade (Warner, 1991) e da heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), trazidos nos capítulos 2 e 3 para explicar aos diferentes percepções de masculinidades (Connell, 2003) vistas no meio futebolístico.

Importante, para além do comprometimento com as reflexões teórico-conceituais as quais este estudo se baseia, são os movimentos para enxergar futuras configurações para se pensar os fenômenos socioculturais do meio em que vivemos. Neste aspecto, é necessário desdobrar atenção para produções de sentido que estão sendo mobilizadas na pós-modernidade - com a possibilidade de integrar discussões via internet. O processo de criação de narrativas alternativas passa por diferentes formas de consumir, comunicar e ser comunicado, uma vez que o público das mídias sociais é capaz de ocupar diversas posições no desenvolvimento e formação de novas ideias. Justifico esta importância a partir de um dos materiais mobilizados pelo estudo, que envolve a entrevista do juiz em um podcast (plataforma midiática que faz uso da comunicação sonora para transmitir e provocar debates entre os indivíduos nas diferentes esferas da sociedade). Fazendo um movimento intermediário, o produto deu origem a veiculação das informações em outro tipo de mídia, desta vez, nas redes sociais com a publicação do Instagram.

A lógica desenvolvida e defendida por esta pesquisa demanda que estudiosos de temas como gênero, sexualidade e homofobia se voltem, também, para as discussões que acontecem no meio digital, com a participação cada vez mais ativa do público na produção de sentidos sobre discussões sensíveis à manifestação de opiniões. Desse modo, o que se nota nas discussões incitadas pelos usuários da publicação, é que independentemente do ponto de vista defendido por cada indivíduo, as disputas de sentido (Henn, 2014) só se fazem com tamanha efervescência, porque, como proposto a refletir, as plataformas digitais permitem que diálogos

realizados entre os ditos veiculadores da mensagem e os receptores da mensagem, hoje, se propaguem por meio do fluxo intenso de informações proporcionado pela internet. A realidade global é perpassada pela formação de tendências e como dito pelo teórico Marshall McLuhan (1964), os suportes da comunicação e as tecnologias são determinantes para a mensagem transmitida, uma vez que os conteúdos se modificam em função dos meios que os veiculam. Para ele, o meio é a mensagem porque é o meio que modela e controla a escala das informações.

Em se tratando dos objetivos específicos propostos pelo estudo, foram alcançados com base na análise desenvolvida no capítulo 3, onde foi possível identificar os principais padrões de comportamento envolvendo a questão da homofobia no futebol, bem como foram viáveis a classificação em torno dos tipos de comentários notados na publicação e a exploração dos recursos textuais e imagéticos expressados pelos usuários. Além disso, se concluíram investigação e avaliação das redes digitais como produtoras de sentido sobre temas envolvendo gênero e sexualidade no futebol, ao compreendê-las como espaços promissores para com a disseminação de determinadas discussões. Por último, houve uma sugestão de comparação entre as narrativas particulares produzidas por cada constelação de sentido, chegando à conclusão de que dois grupos de comentários produzem sentidos gerais semelhantes sobre a homossexualidade no futebol, e um grupo faz um movimento contrário. A seguir, se explicam os detalhes observados em cada constelação de sentido e, por seguinte, a conclusão geral do que foi respondido por este trabalho.

Como dito anteriormente, a homofobia ganha força em espaços como o do futebol, predominantemente frequentado e consumido por homens heterossexuais e é entendida, então, como uma das violências estruturais que precisa ser combatida para o exercício e a manutenção de uma democracia plena. Após as análises dos comentários da primeira constelação de sentido - que se mostrou hegemônica e muito significativa do ponto de vista da violência sofrida por gays - entende-se, portanto, a importância da criminalização da homofobia e da cobrança por políticas de punição para clubes, instituições e pessoas inseridas no ambiente futebolístico que venham a cometê-la. *Futebol não é lugar de bicha* se mostrou uma categoria extremamente problemática pensando neste potencial das narrativas utilizadas para com a disseminação do ódio aos homossexuais e às outras minorias sociais, citadas no trabalho. Os comentários deste nicho, que estiveram em maior número na publicação do Globo Esporte no Instagram, levam a crer que as barreiras do preconceito no futebol ainda existem por conta da imposição de normas que, mesmo sendo condenadas nos domínios constitucionais e judiciais, perduram com a ajuda do senso comum.

Sendo assim, é preciso se atentar para a influência cultural do futebol como uma instituição social independente que trabalha a ideia de que as violências proferidas em seu meio não podem ou não devem ser questionadas. As tradições futebolísticas conseguem, inclusive, diversificar a forma com que a homofobia é praticada, como visto na categoria 1 dos comentários em que usuários usam os xingamentos e ofensas, ridicularização e inferiorização, intolerância e tentativas de silenciamento como estratégia para atacar homossexuais. Todas essas ações camufladas no discurso adotado e perpetuado pelos espectadores de que “futebol não se discute” ou que “o futebol nunca vai mudar”.

Preconceito duplo, por sua vez, é uma constelação de sentido que apela para mais de uma discriminação, pois além da homofobia explícita, direciona ataques às mulheres. Sendo assim, o sentido geral produzido por esta categoria reforça como as relações de poder do patriarcado ainda sustentam raízes profundas para se pensar o espaço feminino dentro do âmbito esportivo e, principalmente, futebolístico. Embora as discussões sobre machismo e misoginia não tenham sido o foco da pesquisa - diante do material selecionado que trata de uma notícia sobre a revelação da homossexualidade de um homem - ela foi atravessada de forma muito significativa no que tange à análise sobre o funcionamento das estruturas sociais construtoras dos modos de opressão.

Ao mesmo tempo em que as narrativas destas duas constelações apontam para os desafios de combate dos preconceitos do futebol, a terceira categoria disputa de forma direta e contrária o sentido dos diálogos propagados nesse esporte. *Representatividade importa* é uma constelação de sentido que ameaça as estruturas dos diferentes tipos de masculinidades, mobilizando transformações que, por vezes, as colocam em pé de igualdade, já que os comentários defendem a ideia de que homossexuais podem e devem compartilhar os mesmos espaços e experiências vividos por heterossexuais dentro do futebol. Ela também aponta para a urgência de representatividade, que diz sobre a importância de pessoas influentes, como Igor Benevenuto, se assumirem para que outros gays se sintam livres para expressar sua sexualidade no meio do futebol.

Nesta perspectiva, a comunicação e o jornalismo esportivo, principalmente, têm importantes papéis na promoção de narrativas que vão ao encontro de ações inclusivas voltadas aos gays. A preparação do senso crítico é fundamental para que as transformações aconteçam em ambientes como o do futebol, hegemonicamente dominados pelas culturas machista e homofóbica. O Globo Esporte, portanto, ao veicular a notícia sobre o depoimento de Igor, faz um importante movimento de incentivo à discussão sobre sexualidade na ambiência do futebol. Por mais que as reações negativas tenham dominado a publicação, é preciso considerar os

avanços na luta contra a homofobia, que se mostram na possibilidade de que novas concepções sobre as masculinidades (Connell, 2003) sejam construídas.

O papel das plataformas digitais para incentivar a luta contra preconceitos, como por exemplo o Instagram, também se mostra significativo. As políticas de uso da rede social passaram a reduzir, em 2022, o alcance de postagens e comentários que contêm *bullying*¹⁹ ou discurso de ódio (onde a homofobia se enquadra). O Instagram fornece ferramentas de denúncia, identificação e remoção de conteúdos que venham a ferir suas diretrizes, no entanto, caso o usuário não faça a denúncia de determinada publicação, a plataforma ainda permite que ela continue disponível. A solução apontada pela rede passa pela utilização de novos recursos tecnológicos que, com a ajuda da inteligência artificial, passarão a monitorar *posts*²⁰ que venham a potencializar discursos de ódio.

Por fim, futuras provocações são necessárias com o intuito de que a homofobia, assim como os demais tipos de discriminação, passe a ocupar menos esferas da sociedade. De antemão, pensando nos novos desdobramentos que o trabalho indica, os primeiros comentários analisados no terceiro capítulo levantam questionamentos sobre um certo demérito profissional que se justificaria a partir da sexualidade do indivíduo. As falas descritas na constelação de sentido *Futebol não é lugar de bicha* sugerem que o desempenho de Igor Junio Benevenuto como árbitro poderia ser considerado ruim pelo fato de o juiz ser gay. Assumir sua orientação sexual/identidade de gênero no trabalho ainda é algo que os indivíduos representados pela comunidade LGBTQIAPN+ temem²¹. Uma pesquisa da plataforma *Glassdoor*²² revelou que 66% dos profissionais brasileiros acreditam que ao revelar sua sexualidade podem ser alvo de chacotas, preconceitos, violências e ações negativas para a manutenção de suas carreiras. Outro estudo da Elancers (empresa de sistemas de recrutamento e seleção de funcionários) mostrou que 1 em cada 5 das 10.000 mil organizações observadas não contrataria homossexuais para alguns de seus cargos. Portanto - e a partir do caso dos comentários da publicação sobre a arbitragem de Igor -, é preciso iniciar investigações que busquem entender como questões relacionadas a mérito e valor, por exemplo, são determinantes para as lógicas dos discursos heteronormativos que, por sua vez, além de prejudicarem a vida pessoal, excluem pessoas LGBTQIAPN+ do exercício de suas competências profissionais.

¹⁹Termo da língua inglesa que se refere ao ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima;

²⁰Termo do inglês que no vocabulário digital significa “publicações em redes sociais”;

²¹Matéria do site Great Place to Work, sobre condições no trabalho para pessoas LGBTQIAPN+, veiculada no ano de 2019, disponível em: <https://gptw.com.br/conteudo/artigos/orgulho-lgbtqi/>

²²Plataforma digital que faz avaliação de empresas.

Ademais, a análise da constelação de sentido *Preconceito duplo* auxilia a descoberta do que se trataria de uma investigação mais aprofundada sobre a ausência das mulheres nos contextos envolvendo o futebol. Os ataques e críticas à simples existência das mulheres; ao papel de gênero que elas exercem na sociedade, às características e trejeitos femininos; aos corpos e intimidades das mulheres, por parte dos usuários da publicação, coloca a discussão de gênero dentro do futebol em situação de emergência. O que se percebe, para além das violências direcionadas a elas, é a tentativa de colocar homens, neste caso os homossexuais, em posição de comparação com mulheres. Porém, a opressão de mulheres e o apagamento delas dos espaços dominados pelas lógicas machistas, misóginas e sexistas do patriarcado acontecem de força sistemática, o que inclui ao processo homossexuais e outros sujeitos homens que expressam as mais diversas masculinidades, não só a masculinidade hegemônica.

O espaço do futebol, aqui estudado, sugere que os padrões de comportamento apresentados pelos espectadores do esporte podem e serão modificados com o passar do tempo. Diferentemente da dificuldade enfrentada pelos árbitros de futebol da década de 80 e 90, período em que cogitar a homossexualidade de figuras representativas dentro do futebol as levava para um lugar de apagamento na história do esporte, hoje, o juiz Igor Junio Benevenuto encontra um cenário diferente. Igor tem, assim como outros homens gays, o amparo de importantes instituições para sua proteção e inclusão às atividades ordinárias e profissionais praticadas pela sociedade brasileira, a constar exemplos citados durante o desenvolvimento da pesquisa: leis voltadas à punição e criminalização da homofobia; o respaldo constitucional que prevê punições aos diversos tipos de discriminação atentatórias das liberdades fundamentais; diretrizes do meio digital que monitoram e atuam de forma contrária às práticas preconceituosas; investigação e apuração dos veículos de comunicação para com a garantia dos direitos da população LGBTQIAPN+; apelo e respeito popular, em alguma medida, para a ressignificação da cultura homofóbica percebida dentro do futebol.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Gustavo A; SEFFNER, Fernando. Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, vol. XIV, nº. 29, p. 246-270, julho-dezembro/2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro. 1967.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGOS MENDONÇA, C.M; KOLINSKI MACHADO MENDONÇA, F.V. “**Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!**” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. *Galaxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, n. 46, 2021.

CAMARGOS MENDONÇA, C. M; KOLINSKI MACHADO MENDONÇA, F.V. **Pedagogizar corpos e conformar subjetividades: O sintagma ideologia de gênero como exercício colonizador da educação**. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 91–104, 2020.

CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. Tradução de Irene Ma. Artigas. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis, 21 (1): 424, p. 241-282, janeiro-abril/2013.

COSTA, Brenda Capinã Botelho. **Apontamentos sobre o conceito de gênero e suas articulações com o Direito.** Fortaleza: Escola Superior do Ministério Público do Ceará, p. 267-268, julho-dezembro/2020.

HENN, Ronaldo. *El ciberacontecimiento, producción y semiosis.* Barcelona: Editorial UOC, 2014.

JUNIOR DA SILVA, José A. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais.** Escola Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2018.

JÚNIOR GOMES, Lázaro M. **Apareceu o Margarida: Liminaridades e masculinidades no futebol.** Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Sociais: Programa de pós graduação em performances culturais, Goiânia, 2020.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes antropológicos, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KOLINSKI MACHADO, Felipe V. **Homens que se veem: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal.** Ouro Preto, MG: UFOP, 2018.

KOLINSKI MACHADO, F.V; GONZATTI, Christian. **Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais.** Revista Mídia e Cotidiano, v. 14, n. 2, (maio./ago.), 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade.** In: LOURO Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MCLUHAN, Herbert Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.

MELO, Talita G. Reis; SOBREIRA, Maura V. Silva. **Identidade de Gênero e Orientação Sexual**: perspectivas literárias. João Pessoa. Temas em Saúde, v.18, n. 3, p. 381-404, 2018.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RECUERO, Raquel; Bastos, Marco; Zago, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas Estudos *gays*: gêneros e sexualidades, v.4, n. 5, p. 17-44, 2010.

RIOS, Roger Raupp; PIOVESAN, Flávia. **A discriminação por orientação sexual**. In: Seminário Internacional- As minorias e o direito, 2001, Brasília (Série Cadernos do CEJ, v. 24).

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol. Bue nos Aires: Suda me ri cana**, 1998, p. 307.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. In: *Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

WARNER, Michael (editor). **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 1991.

WISNICK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 446 páginas.

Outras referências

Globo Esporte. **O árbitro Igor Benevenuto se declarou homossexual em entrevista ao podcast do ge "Nos Armários dos Vestiários"**. Via Instagram, 8 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfwXzHttGbC/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 20 de março de 2023.

Guia Gay São Paulo. **Conheça 16 torcidas LGBT de futebol de todas as regiões do Brasil**. Matéria publicada em 18 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/conheca-16-torcidas-lgbt-de-futebol-de-todas-regioes-do-brasil>. Acesso em: 2 de março de 2023.

Mídia Ninja. **Relatório inédito denuncia casos de LGBTQIAfobia**. Levantamento do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQIA + realizado entre 2020 e 2021. Matéria publicada em 1 de outubro de 2022. Disponível em: <https://midianinja.org/news/relatorio-inedito-denuncia-casos-de-lgbtqiafobia-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

Opinion Box. **Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram**. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%202%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em: 15 de março de 2023.

UOL Esporte. **Pesquisa Ibope: 68% dos internautas brasileiros com 18 anos ou mais se consideram fãs de futebol**. Estudo Kantar IBOPE Media divulgado em 2021. Matéria publicada em 26 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/05/26/estudo-ibope-publico-internet-futebol.htm>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

90 min. **5 torcidas pioneiras no futebol brasileiro**. Maio de 2017. Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/5-torcidas-lgbtq-pioneiras-no-futebol-brasileiro>. Acesso em: 2 de março de 2023.